

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 02/03/09 a 06/03/09)

À medida que os países vão divulgando o desempenho de suas economias do último trimestre de 2008, a percepção de que a economia real foi atingida rapidamente pela crise financeira global ganha força. De fato, os canais de transmissão da crise continuam ativos: o comércio internacional ainda apresenta resultados muito fracos; o mercado de crédito permanece muito restrito; e as expectativas dos agentes continuam em patamares muito fracos.

Nos Estados Unidos, uma pesquisa feita na terça-feira pelo jornal Wall Street Journal mostrou que o presidente Barack Obama é mais popular do que nunca: dois terços dos americanos estão esperançosos em relação ao seu governo, e só 28% estão em dúvida. O problema é que o apoio é muito mais para Obama do que para as medidas econômicas de seu governo e, com isso, ainda estamos longe de uma solução para os bancos norte-americanos. De bom, tivemos o detalhamento do plano de refinanciamento de dívidas de cartão de crédito, de financiamento estudantil e de carros, que pode começar a destravar o mercado; e tivemos, com o encontro entre Obama e o primeiro-ministro britânico Gordon Brown, um sinal de esperança de que haja cooperação internacional para enfrentar a crise, essencial em um momento onde a crise se espalha pelo mundo.

Quando dizemos que a crise se espalha pelo mundo, olhamos para as novas frentes que vêm surgindo ao longo do caminho. A injeção de mais US\$ 30 bilhões na seguradora AIG, anunciada na segunda-feira pelo governo norte-americano é um bom exemplo de nova frente, em que o governo já havia injetado mais de US\$ 100 bilhões e parecia ter resolvido o problema, que reapareceu com o anúncio de perdas de US\$ 61 bilhões no último trimestre de 2008. Outra frente se desenvolve com o problema com exportações dos países emergentes, com impacto direto no nível de atividade destes países: a Rússia sofre com a redução do preço do petróleo, a China teve queda de 29% nas exportações em janeiro, e o Brasil teve pela primeira vez em janeiro um déficit na balança comercial. Finalmente, uma terceira frente da crise está surgindo no sistema financeiro do

leste europeu: os bancos estão todos com dificuldade e a Hungria fez uma proposta para que a União Européia fizesse um aporte de capital nos bancos de países como Letônia e Lituânia, mas a proposta foi recusada pela Alemanha e abalou os mercados esta semana.

Falando em mercados, as bolsas esta semana continuaram com volatilidade, mas sempre com tendência de baixa. A semana começou com fortes quedas, na ausência de um pacote da União Européia para o Leste Europeu. Na quarta-feira, as bolsas subiram na esperança de mais um pacote da China, mas ele não veio. No final da semana as bolsas subiram de novo, na esperança de que alguma medida saísse na China, mas fecharam em queda em mais clima de incerteza. Para alimentar a volatilidade, os resultados corporativos continuam ruins e as agências de classificação (nesse caso a Moody's), mesmo desacreditadas, continuam atribuindo ratings que podem ser desastrosos na atual conjuntura.

No caso da Moody's, a agência de risco divulgou relatório pondo em perspectiva negativa o crédito do sistema bancário brasileiro. O problema é que a Moody's é uma das agências que deram a nota AAA, a melhor possível, para o Lehman Brothers e para a AIG um pouco antes de os dois bancos quebrarem. As agências de risco estão, na verdade, sendo investigadas e são consideradas em parte responsáveis pela bolha imobiliária quando deram notas boas demais para ativos podres. A Federação Brasileira de Bancos (Febraban), diante dessa decisão da Moody's, disse que os bancos estão preparados para uma piora nas condições de crédito no Brasil se a situação econômica ficar pior. O Banco Central tem dados mostrando que, em fevereiro, houve melhora nas condições gerais de crédito, com mais depósitos nos bancos e mais rolagem das linhas de financiamento ao comércio exterior, que tinham secado. Tudo está voltando ao normal depois do aperto que houve em setembro. E já que estamos falando de Brasil, não podemos deixar de comentar que a produção industrial de janeiro divulgada na sexta-feira foi um susto: esperava-se recuperação entre 8% a 10% na comparação com

FUNDAMENTUM

dezembro de 2008, mas o crescimento foi de apenas 2,3% e, o mesmo tempo, a queda em relação a janeiro de 2008 foi muito forte, de 17,3%. O fato é que a parada brusca da economia brasileira foi muito forte, e nem mesmo a forte alta da produção de veículos ajudou a produção como um todo. O segmento de bens intermediários foi muito fraco, e isso mostra que ainda há muitos estoques de matérias-primas. Com isso, os cálculos para crescimento da economia do país estão sendo refeitos para baixo, e a expectativa para um corte maior da taxa de juros nas próximas reuniões do Banco Central do Brasil (BACEN) aumenta.

Cenário Internacional

O diretor-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, alertou que os países mais pobres do mundo estão começando a sentir o impacto da crise econômica global. Strauss-Kahn descreveu o fenômeno, que teria se iniciado no início deste ano, como uma "terceira onda" da crise. Segundo Strauss-Kahn, a primeira onda atingiu as economias avançadas, a segunda as economias emergentes e agora, a terceira, está atingindo os países mais pobres e mais vulneráveis. De acordo com o FMI, esses países sentirão o impacto da crise principalmente através de uma retração no comércio e em quedas no investimento estrangeiro e nas remessas de dinheiro enviadas pelos cidadãos que moram e trabalham fora de seus países de origem. O FMI indica que cerca de 20 países pobres estariam especialmente vulneráveis aos efeitos da crise, metade deles na África subsaariana. Além disso, o FMI alerta que o número de países vulneráveis pode dobrar se as condições de crescimento global e financiamento continuarem a piorar. Strauss-Kahn afirmou que os países pobres precisarão de cerca de US\$ 25 bilhões (R\$60 bilhões) em empréstimos de emergência neste ano e pediu que os países mais ricos não cortem a ajuda em doações.

Representantes do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI) afirmaram que a América Latina está em uma posição mais forte do que no passado para enfrentar a atual crise global de crédito, mas o cenário da economia ainda pode piorar. Em reunião com ministros das Finanças da América Latina, Espanha e Portugal, os representantes dos dois organismos financeiros internacionais afirmaram que a região está em forte posição financeira graças a sólidas políticas macroeconômicas nos últimos anos. Contudo, alertaram para o fato do impacto externo da crise de crédito ser mais profundo, mais global, e duradouro do que em ocasiões anteriores. Pamela Cox, vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina e Caribe, disse que a crise global está

desacelerando o crescimento na região, mas que não há impacto nos sistemas financeiros, como acontece no Leste Europeu. O presidente do Banco Central do Brasil (BACEN), Henrique Meirelles, disse que o Brasil está confrontando essa crise em uma posição melhor do que no passado e está em mais vantagem do que muitas outras regiões do mundo.

Já na terça-feira, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) avaliou que o atual trimestre apresenta resultados muito piores do que os estimados e declarou que o crescimento mundial deverá ser menor do que o esperado pelo FMI, de 0,5%. A OCDE propõe o aumento de gastos com infra-estrutura, redução de impostos sobre salários, ampliação dos gastos com capacitação profissional e redução das taxas de juros, para tentar diminuir os efeitos da crise. A Organização deverá divulgar suas novas projeções nas próximas semanas.

A piora nas perspectivas para a economia mundial acabou colocando o Brasil no grupo de nações que passam por "forte desaceleração" econômica. Até então, a avaliação acerca da situação do país indicava apenas "desaceleração", segundo critérios da OCDE. O órgão revelou na sexta-feira que está mais pessimista com a economia mundial, justamente em razão da piora observada nas economias emergentes. A avaliação média do órgão para os países membros dos BRICs mostrou 90 pontos em janeiro deste ano, uma queda de 13,5 pontos em relação ao mesmo mês de 2007. No caso específico do Brasil, o recuo foi de 10,1 pontos no intervalo analisado, para 94,5 pontos. Pela metodologia do índice, pontuações abaixo de 100 significam contração e um declínio dentro dessa faixa sinaliza maior desaceleração. Já em relação ao G7 (Estados Unidos, França, Alemanha, Japão, Itália, Reino Unido e Canadá), a avaliação mostrou 91,7 pontos em janeiro último, queda de 9,6 pontos ante o mesmo mês de 2008.

Reforçando a postura pessimista da OCDE, um relatório da OCDE divulgado na terça-feira sugere que a política de conceder ajuda às grandes montadoras não é

uma solução adequada para ajudar as grandes economias a sair da crise. O economista chefe da organização, Klaus Schmidt-Hebbel, disse que iniciativas como as adotadas pelos governos de Estados Unidos, França, Japão e vários outros países europeus para socorrer a indústria automobilística são improdutivas e ineficazes para relançar o crescimento e enfrentar a crise econômica global. Segundo o estudo da OCDE, as políticas setoriais deveriam ser provisórias e somente se justificam se o setor representar um risco sistêmico para a economia como um todo, ou seja, um setor onde uma forte retração da atividade poderia ter consequências negativas para toda a economia (caso, por exemplo, do setor financeiro). Segundo a instituição, o dinheiro utilizado pelos governos para socorrer o setor automobilístico deveria ser utilizado de outra maneira, por exemplo, para financiar a formação de trabalhadores ou de pessoas que perderam o emprego, ou para aumentar os investimentos em infra-estrutura. A indústria automobilística é uma das mais afetadas pela crise mundial e, somente na Europa, as vendas caíram 27% em janeiro, mas os países europeus não chegaram a um consenso sobre a melhor maneira de ajudar o setor. Pelo menos oito países da União Europeia já anunciaram planos de ajuda à indústria automobilística, entre eles França, Itália, Alemanha, Suécia e Espanha. Ademais, o mesmo relatório também voltou a defender a redução dos subsídios agrícolas, principalmente nos Estados Unidos, na União Europeia e no Japão, e recomendou a supressão dos incentivos à produção de biocombustíveis.

No mesmo sentido, um relatório divulgado na quinta-feira pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) afirmou que a crise econômica poderá desempregar 52 milhões de pessoas em todo o mundo. O crescimento do desemprego deve ser mais forte entre as mulheres, com o número bruto podendo chegar a 22 milhões. Como existem menos mulheres empregadas que homens, percentualmente, elas sofrerão mais: aumento de 7,4% contra 7% dos homens. Segundo pesquisa realizada pela Grant Thornton International, com 7.200 empresas pelo mundo, as perspectivas para o mercado brasileiro são melhores

que para o restante do mundo. No Brasil, a tendência é de crescimento no nível de emprego (considerando o saldo de contrações e demissões): 16% dos entrevistados pretendem demitir esse ano, número pequeno em relação ao obtido em outros países, estimado em 20%. Para a União Européia há expectativa de diminuição em 12% no nível de emprego e na média mundial o recuo deve ser de 4%. Entre os empregadores brasileiros, 54% ainda pretendem aumentar os salários, ao menos para compensar os níveis de inflação, já em países como Taiwan, 72% dos entrevistados não pretendem fazer reajustes esse ano. Segundo o próprio ministro do Trabalho brasileiro, Carlos Lupi, os resultados de empregos formais poderão ainda mostrar números negativos em fevereiro, mas a recuperação deverá ocorrer em março.

Face a este cenário de agravamento da crise e de deterioração das projeções para a economia mundial, as diferentes economias continuam a implementar medidas de combate aos efeitos negativos da crise.

Nos Estados Unidos, o governo anunciou na terça-feira que um novo programa de empréstimo do Fed e do Departamento do Tesouro americano pode gerar até US\$ 1 trilhão em empréstimos para o consumidor e pequenos negócios. A linha de crédito, conhecida por TALF, na sigla em inglês, irá oferecer os primeiros empréstimos em 25 de março. O programa foi apresentado pelo Fed no fim do ano passado e foi ampliado em fevereiro. Os investidores interessados devem apresentar a solicitação ao Fed no dia 17 deste mês. O Fed de Nova York irá encabeçar o programa, emprestando US\$ 200 bilhões para detentores de títulos lastreados em ativos com boa nota de crédito, como empréstimos ao consumidor, financiamento de veículos, empréstimos estudantis e empréstimos a pequenas empresas.

Na quarta-feira, a administração do presidente Barack Obama apresentou os planos para ajudar 9 milhões de famílias no país por meio do refinanciamento de hipotecas ou de pagamento de parcelas menores de empréstimo. Entre os itens

do programa, destaque para o que prevê a mudança nos empréstimos imobiliários para que o pagamento da parcela não ultrapasse 31% da renda bruta mensal do mutuário; e para o que faz com que os proprietários de casas que não perderam um pagamento possam refinar os empréstimos a um custo mais baixo. O Departamento do Tesouro dos Estados Unidos avisou que o plano inclui um pagamento de incentivo de US\$ 1,5 mil para detentores de hipotecas e US\$ 500 para os administradores pelas alterações feitas enquanto o mutuário sob risco de default iminente ainda está em dia com seus pagamentos. Enquanto o mutuário honrar seus compromissos, ele pode receber até US\$ 1 mil ao ano por cinco anos. Empréstimos originados em/ou antes de primeiro de janeiro deste calendário são elegíveis ao programa lançado.

Contudo, quando olhamos para a economia real, os resultados continuam muito ruins.

Maior exemplo disso foi a revisão do PIB para baixo para o último trimestre de 2008 nos Estados Unidos, de -3,8% para -6,2%. A queda foi maior do que esperada e, quando olhamos para as contribuições do PIB, observamos uma revisão no consumo das famílias de -3,5% para -4,3% (contribuindo de -3,0% para os -6,2%), e do investimento bruto de -12,3% para -20,8%. Com esta última revisão, as exportações deixaram de contribuir positivamente para o crescimento do PIB, uma vez que registraram queda de 23,6%. Por outro lado, a variação de estoques, que fez com que a primeira prévia apresentasse um resultado bem menor do que a expectativa, nesta nova revisão contribuiu apenas com 0,16%, e não mais 1,32%, como havia sido antecipado na primeira prévia.

No mesmo sentido, a confiança do consumidor, divulgada pela Universidade de Michigan, passou de 61,2 pontos para 56,3 pontos ante expectativas de 56 pontos. Da mesma forma, as condições econômicas e as expectativas também caíram: para 65,5 pontos e 50,5 pontos, respectivamente.

Já o rendimento pessoal nos Estados Unidos apresentou uma recuperação em janeiro ao subir 0,4% ante queda de 0,2% em dezembro. Dessa forma, os gastos

personais registraram elevação pela primeira vez em setes meses, subindo 0,6% depois de declinar 1,0% em dezembro, surpreendendo as projeções do mercado de 0,4%. O índice de inflação baseado nos gastos pessoais (PCE) subiu 0,7% contra 0,8% registrados no mês anterior, acima das expectativas de 0,5%. Ao mesmo tempo, os gastos com construção apresentaram queda, de -3,3% em janeiro, contra -2,4% registrados no mês anterior, ao passo que era esperada um recuo de 1,5%, com a deterioração, ainda em curso, do mercado imobiliário. Adicionalmente, o ISM de serviços caiu pelo décimo terceiro mês consecutivo com o forte corte na produção e no investimento. O ISM de serviços desacelerou em fevereiro em relação a janeiro, passando de 42,9 para 41,6, ficando acima das expectativas de 41, em linha com a surpresa também observada em relação ao ISM do setor de manufatura. O indicador para encomendas caiu de 41,6 para 40,7, sendo que o indicador para empregos mostrou uma melhora, passando de 34,4 para 37,3.

Esta melhora nos indicadores de consumo e renda nos Estados Unidos neste primeiro mês do ano não deve, entretanto, ser vista com otimismo. O fato é que os dados são referentes a janeiro, mês em que pudemos observar ainda a presença de algum otimismo com a expectativa da posse do novo governo, fator que não deve estar presente nos indicadores de fevereiro para frente. Além disso, o incremento de consumo se deu em grande medida no segmento de bens não duráveis, resultado dos fortes descontos oferecidos pós-feriados. Não devemos esquecer tampouco que o incremento da renda é resultado basicamente das transferências governamentais (previdência e seguro-desemprego), sendo que a renda dos salários continuou apresentando queda real de -0,2%. Finalmente, é preciso notar que a taxa de poupança atingiu o patamar de 5% frente a 3,6% em dezembro e, considerando o cenário para desemprego e a continuidade da perda de riqueza das famílias, essa taxa deve continuar subindo consistentemente e permanecer elevada ao longo do ano.

Do ponto de vista da atividade, a recuperação do ISM é decorrente da retomada da produção por conta de recomposição de estoques, pois os demais indicadores de encomendas não justificam tal melhora. Além disso, não podemos esquecer que números abaixo de 50 indicam que a indústria está contraindo, e isso está acontecendo nos últimos 13 meses.

Com este cenário, vemos que a ação do governo pode e está minimizando o impacto da queda de renda e emprego no consumo, contudo, a magnitude da destruição de vagas aliada ao aumento da poupança não apóiam uma recuperação consistente do consumo.

Com a revisão para baixo do PIB também ocorreu uma revisão para baixo da produtividade do trabalho (medida pela produção por horas trabalhadas). O indicador foi revisto de +3,2% para -0,4% no período, surpreendendo as expectativas de +1,0%, lembrando que no terceiro trimestre tinha subido 2,2%. Desta forma, o custo de mão-de-obra acelerou 5,7% no último semestre do ano passado, aquém das expectativas de 3,8%, sendo que registrou 3,5% no período anterior. Adicionalmente, as encomendas à indústria registraram queda pelo sexto mês consecutivo em janeiro, de 1,9%, depois de declinarem 4,9% em dezembro, ao passo que era esperada uma queda de 3,5%, confirmando o enfraquecimento das manufaturas.

Em relação ao mercado imobiliário norte-americano, as vendas de imóveis pendentes continuam alimentando as baixas perspectivas para o setor. Esse indicador funciona como um olhar antecedente do que vai acontecer no mercado imobiliário, pois mostra as vendas que estão em andamento no setor, antes que elas tenham sido totalmente finalizadas. Elas registraram queda de 7,7% em janeiro, em linha com resultados anteriores, porém surpreendendo negativamente as expectativas e atingindo o menor nível desde 2001. Para piorar, os dados de dezembro foram revisados para baixo. Esse resultado ainda reforça a expectativa de que a queda de preços de casas se estenderá, já que as

condições do crédito ainda não se recuperaram e o nível de despejos permanece atingindo recordes, conforme observado nos últimos meses.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, de acordo com a Pesquisa Nacional do Emprego divulgada pela ADP, a deterioração do mercado de trabalho norte-americano permaneceu em fevereiro, com a destruição de 697 mil vagas de trabalho no setor privado, surpreendendo as expectativas do mercado de uma perda de 630 mil vagas, depois de apresentar um corte de 614 mil empregos em janeiro. A crise já eliminou 4,38 milhões de empregos nos Estados Unidos desde janeiro de 2007. São nada menos que 15 meses consecutivos de fechamento de postos de trabalho, mais da metade de todos os postos de trabalho que foram criados durante o ciclo de expansão da economia, entre 2003 e dezembro de 2006, quando foram criados 8,33 milhões de empregos.

Com a divulgação do Livro Bege pelo Fed, vemos que as perspectivas para os próximos meses continuam enfraquecidas, haja vista que a publicação não aponta previsão de reação da economia norte-americana até 2010. A grande maioria dos setores apresentou piora entre meados de janeiro e fim de fevereiro, período considerado na pesquisa, confirmando o fato de que as condições econômicas se deterioraram ainda mais no período, sugerindo que o resultado do PIB do primeiro trimestre deste ano possa ser igual ou até pior do que o registrado no último trimestre do ano passado. Sobre o setor imobiliário, houve estagnação, com sinais mínimos e espalhados de estabilização em algumas áreas. Além disso, os preços dos imóveis continuam caindo, enquanto que a demanda por hipotecas continua deprimida, como mostrado pelos indicadores do setor.

Os resultados só não são mais alarmantes porque nos Estados Unidos a maneira de apresentar as contas nacionais, anualizando o resultado trimestral, ou seja, repetindo o resultado negativo para os trimestres seguintes, exagera um pouco a tendência de queda.

No que tange a Zona do Euro, o crescimento da atividade europeia permanece mostrando deterioração no quarto trimestre, atingindo resultado negativo pelo terceiro período consecutivo. A revisão do PIB do quarto trimestre de 2008 ficou em -1,5% quando comparado com o trimestre anterior, a menor taxa já registrada na série histórica, dentro do esperado pelos analistas e lembrando que no terceiro trimestre houve um declínio de 0,2%. Da mesma forma, a revisão do PIB em comparação com o último trimestre de 2007 ficou em -1,3%, menor resultado já obtido, ante expectativas de -1,2%, sendo que no trimestre anterior registrou crescimento de 0,6%.

Na mesma direção, o fraco resultado das vendas no varejo da Alemanha em janeiro confirma a desaceleração em curso na região, apresentando queda tanto em relação a dezembro como a janeiro do ano passado. Na margem, as vendas recuaram 0,6% em janeiro depois de subirem 0,5%, surpreendendo as expectativas de 0,2%. Na comparação interanual, as vendas caíram 1,3% contra 0,4% registrados no mês anterior, abaixo do esperado de -0,7. As baixas perspectivas do consumidor em relação à economia, acentuadas pelos altos índices de demissões, vêm diminuindo a demanda de forma generalizada.

A atividade no setor de serviços da Zona do Euro manteve-se enfraquecida em fevereiro, quando os novos negócios diminuíram e as empresas demitiram em ritmo recorde para cortar custos. O índice Markit de gerentes de compra atingiu novo recorde de baixa, a 39,2 no mês passado, ante 42,2 em janeiro (uma leitura abaixo de 50 indica contração). O componente de emprego caiu para 40,8, menor número da série histórica. O de novos negócios também teve recorde de baixa, a 35,8 em fevereiro.

Os PMIs de manufaturados da Alemanha e do Reino Unido ficaram abaixo das projeções do mercado e continuam indicando contração das economias, atingindo uma das menores pontuações da série histórica na divulgação final de fevereiro. Na região do Euro, o indicador caiu de 33,6 pontos em janeiro para 33,5 pontos,

ante expectativas de 33,6. Na Alemanha, o PMI passou de 32,2 pontos em dezembro para 33,5, sendo que eram esperados 33,2. Da mesma forma, no Reino Unido, houve queda de 35,8 pontos no primeiro mês do ano para 34,7 pontos, contra as expectativas de 35.

A inflação ao consumidor na Europa superou as expectativas ao apresentar resultado maior do que o esperado em fevereiro. O CPI apresentou aceleração de 1,1% em janeiro para 1,2% no segundo mês do ano, superando as expectativas de 1,0%, primeira elevação desde julho do ano passado. Mesmo com esse resultado, por conta da forte desaceleração da atividade, a expectativa para a inflação continua de baixa.

Os PMIs de serviços da Zona do Euro e Alemanha apresentaram ligeira variação em fevereiro, indicando contração das economias e confirmando a pior recessão desde a introdução do Euro na economia europeia. O indicador para a Zona do Euro subiu de 38,9 pontos em janeiro para 39,2 pontos em fevereiro, ficando acima das expectativas de 38,9. Para a Alemanha, o PMI caiu de 41,6 pontos para 41,3 pontos, sendo que eram esperados 41,6, atingindo o menor patamar da série histórica.

Na Espanha, segundo o ministério do Trabalho e Imigração do país, o número de desempregados aumentou em 154.058 pessoas em fevereiro em relação a um mês antes, ou 4,63%, alcançando 3.481.859. O contingente de desocupados está no nível mais alto desde 1996, data em que o governo começou a elaborar a atual série histórica. Fevereiro marcou o quinto mês consecutivo em que o grupo de desempregados subiu em mais de 100 mil. Conforme os dados oficiais, o desemprego aumentou em todos os setores da economia, principalmente em serviços e na construção. Para piorar o cenário, a produção industrial da Espanha recuou 20% em janeiro na comparação com o mesmo mês do ano passado, configurando a nona queda mensal.

Na França, segundo a agência oficial de estatísticas INSEE, o índice de preços ao produtor (PPI) recuou 2% em janeiro em relação a um mês antes, e caiu 2,7% em 12 meses. Excluindo os setores agrícola e de energia, o indicador caiu 1,2% em janeiro frente ao mês anterior e ficou praticamente estável na evolução anual (+0,1%). Os dados oficiais indicam ainda que o índice de preços dos produtos industriais importados teve uma queda de 1% no comparativo mensal.

No Reino Unido, a inflação permanece em situação favorável neste segundo mês do ano, atingindo o menor nível em 16 meses. O PPI registrou elevação de 0,1% em fevereiro, assim como apresentado no mês anterior, dentro das expectativas do mercado. Na comparação interanual, os preços caíram de 3,5% em janeiro para 3,1%, em linha com o esperado.

A confiança do consumidor inglês apresentou melhora em fevereiro em relação a janeiro, superando as expectativas do mercado, permanecendo ainda, porém, em um patamar muito baixo. A confiança do consumidor registrou 43 pontos no segundo mês do ano, depois de marcar 41 pontos e contra expectativas de 38. O indicador que mede a situação atual caiu de 24 pontos para 22 pontos em fevereiro, enquanto que as expectativas subiram de 53 para 57. O fraco desempenho da atividade, o alto nível de desemprego e a diminuição da produção vêm, como esperado, enfraquecendo as perspectivas dos consumidores. Adicionalmente, o PMI de serviços registrou elevação em fevereiro, passando de 42,5 pontos para 43,2 pontos, ao passo que o mercado esperava 41,9, mantendo a indicação de contração da economia.

As vendas de veículos novos na Grã-Bretanha declinaram 21,9% em fevereiro sobre igual mês do ano anterior, alimentando os pedidos para que o governo conceda incentivos a compradores. O dado da Society of Motor Traders and Manufactures apontou um total de vendas de 54.359 unidades em janeiro. O destino do setor automotivo transformou-se em uma questão política. O governo

prometeu garantir até 2,3 bilhões de libras em empréstimos para a indústria para tentar garantir os empregos nas montadoras.

Com esse quadro de deterioração da atividade, o anúncio de um recuo histórico no PIB do quarto trimestre, -1,5%, e o arrefecimento da inflação, o Banco Central Europeu (BCE) divulgou um novo corte na taxa básica de juros, que passou de 2% para 1,5%, como forma de auxiliar a economia a se recuperar, incentivando consumo e investimentos. Com esse corte, a redução da taxa de juros já chegou a 250 pontos base desde 8 de outubro do ano passado, período em que mesmo com as medidas tomadas pelo governo a economia da região apresentou forte deterioração. No discurso após o anúncio, o presidente do BCE, Jean-Claude Trichet, enfatizou que os riscos para a atividade continuam maiores do que para a inflação, que deve se manter em trajetória benigna. Neste sentido, é importante mencionar que as estimativas do BCE para inflação e crescimento foram revistas significativamente para baixo. Para o PIB, eles esperam queda de -2,7% em 2009 e crescimento zero em 2010 (ante projeções anteriores de -0,5% e +1,0%, respectivamente). Já para a inflação, as expectativas são de 0,4% (ante 1,4%) para 2009, e 1,0% (ante 1,8%) para 2010.

Também com essa visão, o Bank of England (BoE) decidiu cortar sua taxa básica em 0,50 ponto percentual, para 0,50% ao ano, chegando a menor taxa desde a criação do BoE em 1694. O Banco da Inglaterra também comunicou que vai comprar ativos no valor de 75 bilhões de libras (US\$ 106 bilhões) em um esforço para ajudar a economia britânica a expandir a oferta de moeda. Com este novo corte, as taxas de juros britânicas já foram reduzidas em 4,5 pontos percentuais nos últimos seis meses.

No Japão, também preocupado em lançar medidas que fomentem a retomada da economia do país, o governo anunciou que oferecerá US\$ 5 bilhões das reservas internacionais para ajudar companhias em dificuldades a levantar recursos por meio do Banco do Japão para Cooperação Internacional (JBIC, na sigla em

inglês). O JBIC implementou no ano passado um programa de emergência para conceder empréstimos e garantias da dívida à companhias japonesas operando fora do país com dificuldades de levantar recursos.

No mesmo sentido, uma polêmica proposta de estímulo à economia que prevê o pagamento de distribuição de dinheiro à população foi aprovada na quarta-feira pelo Parlamento do Japão após semanas de debates. A partir de sexta-feira, algumas cidades do interior do Japão começaram a pagar cerca de US\$ 120 a cada morador. Pessoas com mais de 65 anos e menos de 18 terão um acréscimo de US\$ 78. Todos os municípios japoneses terão seis meses para efetuar o pagamento em parcela única. A idéia do governo é que a população use o dinheiro para fazer compras e, assim, estimular a economia e combater a recessão que afeta o país. A quantia é suficiente para que uma família de quatro pessoas pague um mês de aluguel em um apartamento simples no interior do Japão e compre cerca de 30 quilos de arroz. No entanto, segundo pesquisas de opinião, a população japonesa não aprova a medida, que custará aos cofres do governo perto de US\$ 22 bilhões. Oposicionistas afirmam que a iniciativa será um desperdício de recursos, que poderiam ser aproveitados em outras áreas. O temor deles é que, ao invés de gastar, a população acabe poupando o dinheiro.

A economia real do país continua mostrando resultados ruins, exemplo disso foi o recuo novamente das vendas de veículos no Japão em fevereiro, acelerando a contração observada nos meses anteriores, -32,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa é a sétima queda consecutiva da venda de automóveis no país, o que contribuiu para resultados negativos de produção de veículos, comprometendo o desempenho da indústria como um todo.

Na China, a economia continua mostrando recuperação da sua atividade neste segundo mês do ano, em linha com o observado nos dois meses anteriores. O PMI de manufaturados da China apresentou elevação de 45,3 para 49 pontos em fevereiro, 1 ponto abaixo do nível neutro de atividade, sugerindo uma retomada

da atividade industrial na região. Ainda que a melhora tenha se dado de forma generalizada entre os setores, é preciso destacar a elevação dos indicadores relacionados aos pedidos de exportação e as encomendas de máquinas, possivelmente já resultado do pacote de estímulo chinês voltado à infraestrutura. Com isso, o otimismo em relação à economia chinesa ganha força, mesmo a retomada só devendo ficar mais evidente a partir da segunda metade de 2009.

A não ampliação do pacote de estímulo para a economia chinesa anunciada na quinta-feira trouxe frustração ao mercado, após a divulgação do PMI na véspera que mostrou recuperação da economia da região em fevereiro e trouxe otimismo. O governo chinês apenas confirmou o pacote de cerca de US\$ 586 bilhões, já conhecido desde o ano passado. Com isso, o déficit como proporção do PIB deve se aproximar a 3%, nível próximo ao registrado no início dos anos 2000 e bem acima do observado no ano passado. Para o governo, o pacote ajudará a China a manter seu crescimento anual em torno de 8% e sua inflação em 4%, mesmo nesse ano, avaliado como o mais difícil para o desenvolvimento econômico do país. Os recursos do plano serão usados em construção de residências para famílias de baixa renda, obras de infra-estrutura, aperfeiçoamento tecnológico e reconstruções de áreas atingidas por desastres naturais.

A novidade em relação a aumento de gastos na China veio com o anúncio, na quarta-feira, de um aumento de 14,9% em seu orçamento militar para este ano, levando-o a um total de 480,6 bilhões de iuans (cerca de US\$ 70,2 bilhões). Segundo o porta-voz do governo, Li Zhaoxing, o dinheiro será usado para pagar melhores salários, para modernização e para programas de construção de infraestrutura, que incluem operações de contra-terrorismo e de apoio a catástrofes.

Além disso, a China vai gastar mais 10 bilhões de dólares para ampliar suas reservas de commodities e também elevará os gastos com o apoio agrícola em 20% neste ano, medidas que devem sustentar os preços locais dos grãos e

impulsionar os mercados de metais e petróleo. À medida que vem se esforçando para manter sua meta de crescimento econômico de 8% em meio a uma desaceleração global que reduziu a demanda por suas exportações, a China está usando mais dinheiro para manter a renda agrícola e garantir o aumento de receitas para uma maioria rural que agora inclui milhares de trabalhadores desempregados retornando das regiões costeiras. O país também elevou drasticamente seu orçamento para comprar a oferta excedente de produtos que vão de grãos a metais e petróleo. O orçamento irá aumentar os gastos com reservas de grãos, óleos comestíveis e outros materiais em 61%, para 178,1 bilhões de iuans (26 bilhões de dólares), ou 4,1% do seu orçamento. Isso inclui 78,341 bilhões de iuans (11,5 bilhões de dólares) para estimular a demanda doméstica ampliando as reservas de produtos importantes como grãos, óleos comestíveis, petróleo, metais não-ferrosos e aço, além de instalações para armazenamento. A China já tem comprado commodities em falta no país como cobre, petróleo e soja e está ajudando produtores de outras mercadorias com excesso de estoques, como a alumínio, zinco e algodão, ao comprar sua produção a um preço acima do mercado. O orçamento irá aumentar os gastos com agricultura, áreas rurais e produtores em 20%, para 716,1 bilhões de iuans (104,6 bilhões de dólares), com pagamentos diretos 26% maiores a produtores de grãos. Fundos para a aquisição de maquinários e ferramentas vão mais que dobrar para 13 bilhões de iuans, enquanto um subsídio para ajudar habitantes rurais na compra de utensílios como televisão, telefones celulares e computadores será nove vezes maior. Outras medidas ajudarão a modernizar as fazendas e a cultivar certos tipos de terras, mas o emprego continua sendo um grande desafio com 10 milhões de trabalhadores retornando para o campo à medida que os empregos urbanos estão desaparecendo. Por ano, a China impôs medidas para proteger sua população rural de mais de 750 milhões e garantir auto-suficiência em alimentos, adiando o risco de precisar importar milho e trigo por conta da rápida urbanização.

A China também autorizou 15 produtoras de alumínio a negociar preços mais baixos com geradoras de energia e distribuidoras de energia, uma ação que pode ajudar a cortar custos em mais de 1% e estimular mais a produção. As 15 usinas, que respondem por mais de um quinto da capacidade total de produção de alumínio da China, maior produtora mundial desse metal, foram selecionadas para um plano piloto com o objetivo de aumentar a utilização da eletricidade. A ação é parte de um empenho do governo de estimular as produtoras de alumínio, que não têm apresentado lucros, em uma época de demanda reduzida. A indústria de alumínio, que utiliza em torno de 6% da energia gerada no país, reduziu sua produção por conta da demanda fraca, reduzindo o consumo de eletricidade.

Na Rússia, em tempos de debate sobre protecionismo no comércio internacional, um dos principais compradores de carnes nacionais reclama uma presença mais ativa dos exportadores brasileiros. Em visita à Rússia, uma missão do governo brasileiro ouviu queixas de autoridades e importadores russos de que as empresas brasileiras têm feito pouca pressão para contrabalançar o forte lobby dos exportadores dos Estados Unidos. Candidata a entrar na Organização Mundial do Comércio (OMC), a Rússia tem feito concessões a parceiros comerciais, mas reduziu alguns espaços ocupados por produtos do Brasil. Segundo as autoridades russas, poucas empresas têm escritórios em Moscou e as associações de classe mantêm uma atuação discreta para os padrões locais. O tema é importante porque até o fim de março a Rússia deve redistribuir a cota de carne bovina a outros países, além dos Estados Unidos e da União Européia (EU). Boa parte deve ficar com o Brasil porque a UE não tem cumprido suas cotas, preferindo direcionar ao mercado interno dos 27 países-membros. Há escassez de carne bovina na Rússia e os preços estão altos, constataram os membros da missão brasileira. A negociação bilateral tem sido dificultada pela redução das cotas e o aumento dos impostos extra-cota, além da forte desvalorização do rublo desde o início da crise internacional. Os russos reclamaram muito do desequilíbrio da

balança comercial bilateral, causado pelos preços baixos do petróleo. Há um déficit de US\$ 2 bilhões com o Brasil, segundo Moscou.

Na Austrália, a economia recuou 0,5% nos três últimos meses de 2008 em comparação com o trimestre antecedente, a primeira leitura negativa do PIB em oito anos. Alguns economistas esperavam crescimento, de 0,2%. O resultado levantou preocupações da proximidade de uma recessão, no caso da economia do país recuar novamente nos três meses até março. Foi uma semana de previsões para o país, que procurou perspectivas para a produção dos setores chave da economia. O país prevê um crescimento de 8% da produção de minério de ferro e um salto de 10% na produção de cobre deste ano até junho de 2010, mesmo após um prolongada recessão econômica que já reduziu a oferta. Em sua primeira estimativa para o próximo ano financeiro, o Departamento Agrícola e de Recursos Econômicos da Austrália também disse na terça-feira que um ligeiro crescimento na safra de trigo também poderia suportar uma alta de 44% das exportações, enquanto a produção de carvão deve seguir sem alterações após uma revisão para baixo. Entre as principais commodities, o carvão metalúrgico deve ser o mais afetado pela desaceleração econômica, que forçou mineradoras como a Rio Tinto, Xstrata Plc e a Anglo American Plc a fechar minas na Austrália, deixando milhares de mineradores sem trabalho. O Departamento reduziu sua previsão para a produção do carvão metalúrgico no ano até junho para 135 milhões de toneladas, ante estimativa de 146,6 milhões de toneladas, após a desaceleração econômica atingir as siderúrgicas. A produção de minério de ferro para 2008/09 foi revisada para cima, para 340 milhões de toneladas, ante uma projeção de 327 milhões de toneladas. As estimativas para 2009/10 são de crescimento para 367,7 milhões de toneladas, com mineradores estimulando a produção na esperança de ganhar vendas na China, uma das poucas economias que ainda podem crescer. Enquanto as mineradoras do país estão se esforçando após uma brusca mudança de crescimento para fracasso, produtores estão enfrentando

claras perspectivas à medida que vão se recuperando da pior seca em mais de 100 anos, apesar de o Sudeste do continente permanecer seco. A produção de trigo na Austrália, o quarto maior exportador do mundo, deve crescer para 22,13 milhões de toneladas em 2009/10, contra 21,40 milhões de toneladas em 2008/09, que foi bem acima dos 13 milhões da safra de 2007/08.

Em mais uma semana de corte de juros em vários países, destaque para a Índia, que cortou sua taxa em 0,50 ponto percentual na quinta-feira e alterou sua taxa de empréstimos para 5% e a de recompra para 3,5%. Também nas Filipinas os juros foram cortados, em 0,25 ponto percentual, para 4,75%.

Nos voltando agora para nossa região, destaque para a Venezuela e para a Argentina.

O governo venezuelano enfrenta um grave problema econômico, advindo da inflação alta demais, que pode chegar a 40% este ano. O governo, querendo controlar preço por decreto, está fazendo sumir a produção nacionalizando empresas estrangeiras. O presidente Hugo Chávez nacionalizou a maior empresa americana de produção de grãos, a Cargill, e outra empresa ameaçada é a Polar, que já entrou na Justiça. O que complica a situação econômica este ano é a queda do preço do petróleo a um terço do que era antes, e o preço alto do petróleo é o que estava dando garantia às políticas econômica, social e externa do governo Hugo Chávez. O dólar está disparando no mercado paralelo e o governo tenta controlar os dólares para viagens externas dos venezuelanos. O desabastecimento que sempre rondou o país é um risco que pode aumentar, porque os produtores agora têm medo de simplesmente ter sua produção tomada pelo Estado. A ordem de expropriação acirra ainda mais a relação entre o governo e as empresas privadas do setor de alimentos, que vêm sendo acusadas de driblar as medidas de controle de preços de itens alimentícios. Na terça-feira, Caracas determinou que os fabricantes de alimentos que produzem alguns dos itens com preços administrados destinem 70% de sua produção a esses produtos.

A decisão atinge 12 alimentos, entre eles arroz branco, óleo vegetal, açúcar e leite integral. Os venezuelanos têm enfrentado escassez de alguns alimentos.

Na Argentina, a presidente Cristina Kirchner fechou acordo na terça-feira com os principais líderes rurais do país. Com isso, ficou mais distante a idéia de estatização das exportações de grãos. Cristina Kirchner apareceu de surpresa na reunião com os ruralistas e acertou que haverá incentivo por parte do governo para a produção de laticínios, trigo e carne bovina. É a primeira vez que ela se encontra pessoalmente com o setor desde junho de 2008. Foi firmado um aumento no preço mínimo para a venda da soja dentro da Argentina e, com isso, o governo espera que os produtores tirem dos estoques cerca de 5,5 a 9 milhões de toneladas do grão. Contudo, a ministra do Interior, Florencia Randazzo, afirmou que não está descartada a criação de uma agência estatal para controlar as exportações.

Fora isso, a Argentina optou por adotar medidas protecionistas contra o Brasil para tentar mitigar os efeitos da crise internacional no país. Como o governo argentino aumentou a burocracia para a entrada dos produtos, muitos importadores do país estão cancelando pedidos do Brasil. O governo da Argentina promoveu na quinta-feira uma nova rodada de licenças não-automáticas, mecanismo que dificulta a entrada de produtos brasileiros no país. No total, 58 posições tarifárias foram somadas ao sistema. Conforme resolução publicada no Diário Oficial da Argentina, foram incluídas 23 novas posições tarifárias para os setores têxtil (14), objetos do lar (5) e produtos metalúrgicos (4). Também foi criada uma nova licença de importação para produtos variados, na qual estão 35 posições tarifárias, mas o boletim não especifica quais os setores atingidos por essa novidade. A medida vai funcionar como uma espécie de ameaça na negociação entre os dois países. De acordo com fontes do governo argentino, essas licenças só devem efetivamente entrar em vigor se os setores privados dos



dois países não conseguirem chegar a um acordo. Se o acordo for alcançado, o governo não deve implementar a medida.

Cenário Interno

A crise externa chegou ao Brasil na parada brusca do último trimestre de 2008. Na semana que vem, o IBGE divulgará o PIB do trimestre e se saberá a altura do tombo. O fato é que como a parada foi muito brusca, os efeitos ainda estão repercutindo e nem todo mundo que tinha que ser atingido já o foi, trazendo resultados desencontrados para a economia. Há, por exemplo, empresas pequenas na ponta do varejo que ainda nada sentiram; há empresas nos setores de matérias-primas ou de produção de bens de capital que sentiram o baque de frente; e há ainda empresas de bens de consumo duráveis que estão com pouco estoque para oferecer ao varejo, mas com medo de aumentar a produção.

O que está cada vez mais claro é a recessão no país. Com o resultado certamente negativo para o quarto trimestre de 2008, muito provavelmente o primeiro trimestre deste ano também assinala retração, configurando a recessão clássica, de duas retrações consecutivas. O fato é que, independente de vir negativo ou não, vínhamos até então crescendo a taxas superiores a 6% e, portanto, a recessão se configura pela parada brusca.

Um bom indicador do problema veio com o anúncio dos números da produção industrial de janeiro, que decepcionaram e frustraram as principais estimativas do mercado, com alta de 2,3% na comparação com dezembro de 2008 e queda de 17,2% na comparação com janeiro de 2008. O que decepcionou a produção industrial foi o resultado dos bens de consumo intermediários, que são as matérias-primas: houve alta de apenas 0,8% na comparação com dezembro, o que quer dizer que os estoques de matérias-primas das indústrias ainda está elevado e, com isso, a recuperação será mais lenta. Até mesmo a recuperação da indústria automobilística aconteceu sem renovação de estoques de matérias-primas: o setor de bens de consumo durável (que inclui automóveis) teve alta de

38% na comparação com dezembro, como reflexo da redução do IPI por parte do governo.

No sentido de promover a retomada da atividade e do crescimento da economia, o governo continua adotando medidas de fomento ao crédito, investimento e consumo.

Com esse intuito, deve prorrogar por três meses o prazo de redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), com o objetivo de manter os preços baixos dos automóveis para evitar que a indústria automobilística sofra nova queda como a que ocorreu em dezembro. Pelo prazo inicial, a redução do IPI acabaria no dia 31 deste mês. Pelo novo prazo, a medida deve chegar ao final de junho. O governo só deve, entretanto, anunciar a medida no final do mês, para evitar queda nas vendas em março, já que muitas concessionárias estão anunciando promoções por "tempo limitado".

Ainda nessa linha, o governo anunciou na quarta-feira mais detalhes sobre o pacote habitacional que pretende lançar ainda nesse mês, chegando a construir 500 mil casas neste ano. Os beneficiados pelo programa, famílias que recebem até 10 salários mínimos, terão a compra da casa própria quase integralmente subsidiada pelo governo, com pagamento simbólico de R\$ 15 a R\$ 20 mensais, apenas quando começarem a morar. Com esse investimento no setor imobiliário, o governo adota mais uma alternativa para minimizar os efeitos adversos da desaceleração econômica, aumentando o emprego na construção civil e estimulando a economia.

Outra medida adotada partiu do Conselho Monetário Nacional (CMN), que aprovou na quarta-feira medida que permite ao BACEN conceder empréstimos em moeda estrangeira para bancos que captam recursos através de suas subsidiárias no exterior. Os recursos para a linha de crédito serão provenientes das reservas internacionais e a medida visa aumentar a liquidez dos bancos, para que esses aumentem as concessões de crédito no País, em especial para as empresas de

pequeno porte. O BACEN ainda exigirá que as empresas que receberem os empréstimos repassem recursos para a matriz no Brasil, como garantia de seus empréstimos. Poderão participar dessa linha de crédito empresas que tenham dívidas no exterior com vencimento entre outubro de 2008 e dezembro desse ano.

Finalmente, o governo anunciou na sexta-feira que criará um fundo garantidor que funcionará como seguro contra inadimplência das operações de crédito, que aumentou consideravelmente conforme divulgado na última nota à imprensa do Banco Central, em especial para os pequenos e médios bancos. O objetivo do governo é diminuir os custos dos empréstimos, aumentando a liquidez dentro do País. O fundo terá recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), dos bancos e dos tomadores de empréstimo, via taxa embutida nos empréstimos.

Em relação aos indicadores econômicos, conforme divulgado na segunda-feira pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o ICI (Índice de Confiança da Indústria) elevou-se 1,3% em fevereiro ante janeiro, passando de 75,3 para 76,3, considerando a série livre de efeitos sazonais. É a segunda vez consecutiva que temos uma elevação neste indicador, porém ainda em patamar muito baixo. De forma desagregada, o Índice da Situação Atual registrou queda de 0,90% em fevereiro frente a janeiro de 2009, passando de 78,1 para 77,4, reforçando a visão de que a percepção dos empresários, ao menos no curto prazo, ainda está deteriorada. Já o Índice de Expectativas elevou-se em 3,72% na margem, também com ajuste sazonal, passando de 72,5 para 75,2. Adicionalmente, o Nível de Utilização da Capacidade (NUCI) da FGV continua em queda, passando de 78,0 para 77,5.

Já de acordo com a FIESP, o indicador do nível de atividade (INA) da indústria paulista apresentou elevação na margem em termos dessazonalizados de 6,2% em janeiro de 2009, após forte queda observada em dezembro de 2008, -13,1%. Na comparação interanual, o índice recuou 15,7%. Já o Nível de Utilização da

Capacidade Instalada (NUCI), ajustado sazonalmente, apresentou uma melhora na margem, passando de 78,5% em dezembro para 78,8% em janeiro, porém ainda em um nível baixo.

Segundo a Pesquisa Focus, referente à semana até 27 de fevereiro, as expectativas para a taxa de câmbio de final de período de 2009, houve estabilidade de R\$/US\$ 2,30 e para 2010, passou de R\$/US\$ 2,27 para R\$/US\$ 2,28. Já a meta da taxa Selic caiu de 10,38% para 10,25%, para 2009, e se manteve estável em 10,25%, para 2010: é o terceiro recuo seguido nas previsões, que há um mês estavam em 10,75%. Isso é reflexo da queda nas expectativas de inflação e também do ritmo de crescimento da economia. O IPCA está com expectativa em torno de 4,66%, pouco acima do centro da meta; enquanto o IGP-DI está em 4,50%; e o IGP-M em 3,99%. Taxas muito abaixo do que vimos em 2008, que chegaram a passar de 10% no acumulado de 12 meses. Para complementar, a previsão para o PIB está 1,5%, também bem abaixo do ritmo de crescimento dos últimos anos. Embora o mercado não tenha mexido na previsão do PIB esta semana, houve queda na previsão para a produção industrial, que recuou de 1,30% para 1,24%.

O IPC-S referente a fevereiro apresentou forte desaceleração em relação à semana anterior, passando de 0,39% para 0,21%. O maior destaque foi a desaceleração do grupo alimentação, que passou de 0,31% para -0,12%. O grupo educação continua desacelerando, para 0,49%, assim como vestuário, que chegou à deflação de 0,71%. O grupo de transportes, por conta de reajustes, subiu para 0,66%.

O IPC-FIPE apresentou alta de 0,27% em fevereiro ante 0,46% registrado em janeiro, em linha com as expectativas de mercado. Destaque para a desaceleração do grupo alimentação, assim como vem acontecendo em outros índices de inflação, que avançou 0,33% na última semana; para o grupo de transportes que, por conta de reajustes nas tarifas de trem e metrô na cidade de

São Paulo, continua em aceleração, para 0,34%; e para o grupo vestuário, cujos preços apresentam contínuo recuo, com variação negativa de 0,61%.

A baixa confiança do consumidor, as atuais condições do crédito e o enfraquecimento do mercado de trabalho, continuam a influenciar os resultados de vendas de veículos no país, que mostraram fraco desempenho em fevereiro de 2009. As vendas totais, exceto máquinas agrícolas, somaram 298.072 veículos, o que representou uma queda de 12,3% em comparação a fevereiro de 2008. Em relação a janeiro, em termos dessazonalizados, houve recuo das vendas em praticamente todas as categorias. As vendas de automóveis em fevereiro, que representam 52% do total exceto máquinas agrícolas, registraram queda de 1,5% na margem, após terem apresentado crescimento em janeiro ante dezembro (cerca de 49%) influenciadas pela redução do IPI. Desempenho parecido ocorreu nas vendas de motocicletas. As vendas de caminhões e ônibus apresentaram segundo mês consecutivo de queda na margem, com ajuste sazonal. A única exceção foram as vendas de comerciais leves (12% do total), que cresceram em torno de 13,8% na margem, após alta de 27,0% em janeiro.

Por outro lado, segundo divulgado pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), o consumo de energia elétrica no País subiu em fevereiro, após dois meses de recuo. Na margem, sem descontar os efeitos sazonais, o consumo aumentou 4,9%, enquanto que na comparação interanual houve elevação de 0,7% na demanda de energia. Os maiores crescimentos partiram dos subsistemas Centro- Oeste/Sudeste e Sul, com altas de 6,3% e 6,4%, respectivamente. O ONS afirma que a recuperação do consumo de energia neste segundo mês do ano é atribuída a uma retomada da atividade industrial (como da cadeia automotiva), e às elevadas temperaturas do período (que elevam o consumo residencial e comercial, além do industrial).

Segundo o panorama de emprego da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), oito mil demissões ocorreram em apenas dois meses no setor. No primeiro bimestre, o faturamento do setor caiu 35% no

total, em comparação com o mesmo período de 2008, e 39% em comparação com o mês de dezembro do ano passado. O faturamento ruim é devido a queda de 7% nas exportações e 46% no faturamento interno, ocasionados, por sua vez, pela queda de encomendas e cancelamento de pedidos. Segundo o vice-presidente da Abimaq, José Veloso, o setor é a indústria de fazer indústria, ou seja, se a recuperação é lenta, como mostram os números do IBGE, a indústria de máquinas não é atingida porque só vai comprar equipamento quem acreditar que vai crescer. Por isso, os problemas no setor vão continuar. Além da queda nas encomendas, muitos pedidos estão sendo cancelados, principalmente no setor automotivo e no de açúcar e álcool, e outro ponto que prejudica a indústria de máquinas é a falta de dinheiro para capital de giro.

A balança comercial brasileira apresentou superávit de US\$ 1,76 bilhão em fevereiro. O saldo é resultado de importações que somaram US\$ 7,821 bilhões (com média diária de US\$ 434,5 milhões) e de exportações de 9,588 bilhões (cuja média diária foi de US\$ 532,7 milhões). Pelo critério da média diária, as exportações apresentaram recuperação em relação a janeiro, com crescimento marginal de 14,4%, mas ainda registram queda em relação ao mesmo período do ano passado (-20,9%). Entre os produtos com aumento das vendas na margem estão: minério de ferro, soja em grão, óleo combustível e alumínio em bruto. Já as importações continuam com queda nas duas bases de comparação, -11,5% na margem e -30,9% na comparação interanual. Houve recuo nas compras de insumo para a indústria, com ligeiro aumento nas compras de maquinaria industrial (0,8%).

O saldo de US\$ 1,76 bilhão na balança comercial de fevereiro, que fez o déficit de US\$ 524 milhões de janeiro virar um superávit de US\$ 1,24 no acumulado dos dois meses, foi provocado pela queda nas importações no mês passado. O motivo é a alta do dólar, que já estaria impedindo novas importações pelos empresários brasileiros. Se esta queda nas importações se tornar uma tendência, e é esperado

que as importações caiam mais, podemos ter um saldo maior da balança comercial no fim do ano. A partir deste mês começam a ser exportados a soja precoce e outros grãos. Porém, essas exportações vão depender da cotação internacional. Além disso, a Vale já anunciou que vai embarcar 50 milhões de toneladas de minério neste mês de março, sendo que 30 milhões devem ir para a China. Haverá negociação de preços, mas estas exportações podem fazer com que o saldo da balança fique positivo, e com bons números, em março também.

Pela primeira vez em cinco meses, com o agravamento da crise internacional, o Brasil recebeu mais dólares do que perdeu em um mês, segundo o BACEN. O fluxo cambial (que é a entrada e saída de moedas estrangeiras no país) ficou positivo em US\$ 841 milhões em fevereiro. O resultado é bem diferente do registrado em janeiro, quando o déficit foi de US\$ 3,018 bilhões. Desde outubro passado, essa variável ficava negativa no mês fechado. Em fevereiro, o grande destaque que ajudou a colocar o fluxo no azul foi justamente o saldo comercial positivo. Na conta financeira no mês passado, o saldo ficou negativo em US\$ 2,030 bilhões. No acumulado do ano, no entanto, o fluxo cambial total está negativo em US\$ 2,177 bilhões.

Este ano vai ser de queda na receita agrícola brasileira. A safra 2008/2009 de quase todos os grãos deve ser menor no país. A boa notícia pode vir do açúcar, que deve ficar com o preço quase estável lá fora. A soja, o carro-chefe, deve colher menos. A exportação de carne só cresce num cenário de recuperação. As boas notícias: a alta do dólar e a queda dos insumos. A falta de crédito, a queda do preço das commodities e o aumento nos custos fizeram com que a plantação fosse menor para esta safra. Além disso, a seca que atingiu Estados como Paraná e Mato Grosso do Sul prejudicou a safra de soja precoce e fez com que agricultores colhessem de 8 a 11 sacas por hectare, quando a média é colher 46 sacas. A receita agrícola vai ter uma variação negativa em relação a 2008 e a situação só não vai ficar dramática porque os preços dos insumos estão caindo, o

que diminui o peso, mas não traz fartura para o setor. Se a economia americana cair mais e se a China crescer menos do que o previsto, os preços caem ainda mais.

Para a safra 2009/2010, são grandes as chances de a produção agrícola brasileira ficar estável ou ter um crescimento baixo. Isso porque, sem crédito, muitos produtores não terão condições de aumentar a área de plantio.

No setor bovino, há incerteza sobre a demanda. A produção brasileira deve ser de aproximadamente 9,5 milhões de toneladas, bem próximo do ano passado, e cerca de 20% devem ser exportados. Em janeiro, a exportação de carne bovina foi de 133 mil toneladas, queda de 34% para setembro de 2008, começo da crise. O preço também caiu. Em janeiro, ficou, em média, US\$ 1.840 por tonelada, contra US\$ 2.700 de setembro. No mercado local já houve queda de consumo, e o setor teme o desemprego.

Segundo a Abras (Associação Brasileira dos Supermercados), o faturamento real dos supermercados cresceu 4,2% em janeiro de 2009 em comparação ao mesmo período do ano passado. Esta taxa de variação interanual foi abaixo do crescimento médio verificado ao longo de 2008 (cerca de 6,0%), mas esta desaceleração ainda é inferior à observada nos demais setores da economia (como, por exemplo, bens duráveis, mais dependentes de crédito). Observa-se uma recuperação do faturamento dos supermercados de 1,9% na margem, com ajuste sazonal neste primeiro mês do ano, após uma queda de 2,5% em dezembro ante novembro de 2008.

Finalmente, o superávit primário do setor público consolidado chegou a R\$ 5,188 bilhões no primeiro ano, uma queda interanual de 72%, caracterizando como o pior resultado para o mês de janeiro desde 2006. Olhando no detalhe, vemos o superávit de R\$ 4,796 bilhões do Governo Central, apresentando contração significativa em relação ao mesmo período do ano passado; déficit reduzido também nos governos regionais, atingindo R\$ 2,364 bilhões no mês; e ampliação

do déficit para o INSS e as estatais, em relação ao mesmo período do ano passado. No acumulado de 12 meses, o superávit primário de janeiro atingiu 3,58% do PIB, abaixo da meta do governo de 3,8%, uma retração em relação aos 4,06% atingidos no final de 2008. O resultado nominal, que leva em conta a economia feita pelo governo após o pagamento de juros, passou de um superávit de R\$ 10,326 bilhões em janeiro de 2008 para um déficit de R\$ 9,250 bilhões, sendo esta reversão influenciada principalmente pelo déficit do Governo Federal em janeiro. A dívida líquida pública apresentou elevação de 35,8% do PIB em dezembro de 2008 para 36,6% neste primeiro mês do ano. A dívida interna líquida aumentou de 49,9% para 50%, enquanto ocorreu uma redução na posição credora líquida, de 14% em dezembro de 2008 para 13,4% do PIB. A dívida Bruta do Governo Geral, por sua vez, aumentou de 58,3% do PIB para 59,5%.

Mercado Financeiro

Nos momentos de grande incerteza, como o que estamos vivendo, a volatilidade aumenta muito. A segunda-feira foi de queda, a quarta-feira, de alta. O problema é que o aumento da volatilidade representa mais risco. Como já houve muita perda real, cada vez que os mercados despencam, aumenta a fragilidade do sistema. A sucessão de más notícias provoca surtos de pânico nos investidores e leva os mercados a caírem mais, com mais perdedores que ganhadores no fim do dia. Quando aparece alguma boa notícia, há um surto breve de euforia, mas nada é durável: o mercado oscila em busca de pontos de certeza. O mercado está à espera de ajuda, de pacotes e de ações governamentais. A reversão deste cenário vai depender dos governos. Os investidores não vão aplicar nesse cenário de incerteza e sem liquidez.

Uma medida de volatilidade global foi usada por dois economistas do National Bureau of Economic Research, dos Estados Unidos, Francis Diebold e Kamil Yilmaz. Ela mede quanto da volatilidade se deve aos efeitos externos e quanto às fontes domésticas. Uma notícia na China derruba ou levanta os mercados mundo afora? Esta semana, levantou. Aplicado a 200 semanas entre janeiro de 92 e maio de 2008, o índice mostrou que a volatilidade não tem tendência. Ocorre em soluços. Quanto mais notícias negativas sobre os principais mercados financeiros do mundo, mais surtos de volatilidade acontecem. Quando surgiram os primeiros sinais da crise do subprime, esse índice saltou de 45 para 55, estabilizando em 50 pontos. Após o colapso do Bear Stearns, ele pulou para 65 pontos. Na reunião extraordinária do Fed, num feriado, a volatilidade global bateu em 74 pontos. Como resultado, os "choques globais" explicavam dois terços da volatilidade, em janeiro de 2008. No início da crise, esses "vazamentos" de um mercado para os outros não explicavam mais que 45% da volatilidade dos mercados. Outra conclusão importante é que cada surto vem ocorrendo a intervalos menores de tempo, o que os levava a concluir que à medida que a crise evolui, o impacto de

cada surto de volatilidade nos balanços das instituições financeiras tende a se intensificar. A volatilidade não tem se limitado ao mercado de ações. As commodities também têm tido altos e baixos. O mundo permanece em ambiente instável, onde os preços das commodities, ações, moedas, ativos de qualquer natureza não estão em terreno firme.

O economista Nouriel Roubini acha que mesmo as breves altas não tiram o mercado da tendência de baixa. O Bear Market, ou temporada de quedas, ainda está mandando. Ele diz que os preços das ações estão 50% abaixo do pico e os preços dos imóveis, 25% abaixo do pico, mas prevê mais queda, de 20%. Num texto recente, ele chama de "alta dos tolos" esses períodos de breve recuperação num mercado negativo. Prevê que no segundo ou terceiro trimestre, quando começar a fazer efeito o pacote de estímulos, pode haver um novo período de alta. Mas ainda assim não é o fim da crise, nem da fase de queda de valor dos ativos.

O fato é que esta semana as bolsas americana e inglesa voltaram a níveis da década de 90: a americana para setembro de 1996 e a inglesa para março de 1995. A bolsa do Japão voltou para patamar de junho de 2003; enquanto a francesa para agosto de 2003; e a alemã, junho de 2004. A crise do leste europeu pode ser facilmente percebida pela cotação nas bolsas, com perdas muito grandes em 2009: -43,19% na Romênia, -39,59% na Hungria, -33,00% na Croácia, -41,14% na Sérvia e -30,61% na Letônia.

Foi mais uma semana difícil para os bancos, quando, pela primeira vez na história, as ações do banco americano Citigroup foram negociadas por menos de US\$ 1,00 na bolsa de Nova York. O Citi, que já foi o maior banco do mundo em valor de mercado, está vendo suas ações virarem pó por causa da crise sistêmica. Somente este ano, a queda no preço dos ativos é de 85%. Para se ter uma idéia do tamanho da crise, em 2006, as ações do banco valiam US\$ 55, e o valor de mercado do Citi era US\$ 277 bilhões. Hoje, o banco vale pouco mais de US\$ 5

bilhões. Somente no ano passado, os prejuízos passaram dos US\$ 37 bilhões e o governo americano já injetou US\$ 45 bilhões, passando a controlar 36% dos ativos do banco a partir da semana passada.

Contudo, quando olhamos para a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), observamos que, pela primeira vez em oito meses, o saldo de negociação estrangeira tem variação mensal positiva na Bovespa. Em fevereiro, as compras superaram as vendas em R\$ 544 milhões. No período, os estrangeiros efetuaram compras no valor total de R\$ 26,430 bilhões, contra vendas no valor de R\$ 25,886 bilhões. Apesar do resultado positivo no mês, no acumulado de 2009, o resultado ainda pende para as vendas. Mas o valor é baixo, de R\$ 102 milhões. A atenção agora é para os dados de março para saber se o estrangeiro mantém ou melhora o apetite pelos papéis brasileiros. A última vez que o saldo estrangeiro fechou um mês positivo na Bovespa foi em maio de 2008. Dali em diante, o agravamento da crise financeira levou os estrangeiros a atuar com força na ponta vendedora. Vale lembrar que a bolsa fechou 2008 com saldo estrangeiro negativo de R\$ 24,6 bilhões.

Outro ponto relevante é o fato dos investidores pessoa física terem tido uma baixa na participação na bolsa paulista no mês de fevereiro. Um levantamento da BM&FBovespa mostra que do total de R\$ 73,94 bilhões negociados no mercado no mês passado, 32,74% foram girados por pessoa física. Em janeiro essa participação foi de 33,46%. O número de contas desses investidores individuais também encolheu para 534.288, ante 537.863 contas anotadas em janeiro. Já nos clubes de investimento fora agregados 11 novos registros somando 2.769 clubes com 147,94 mil cotistas. O patrimônio líquido somou R\$ 8,31 bilhões no final de fevereiro. Nas transações via Home Broker também houve queda de volume total negociado para R\$ 24,93 bilhões, ante R\$ 26,82 bilhões em janeiro, com volume médio diário de R\$ 1,38 bilhão. O movimento representou 16,90% do total financeiro girado na BM&FBovespa no período, também inferior aos

17,80% apurados um mês antes. Em número de negócios foram 2,90 milhões de operações, ante 3,30 milhões de negócios em janeiro, mês com mais dias úteis que fevereiro. Em número de negócios, a participação por meio desse instrumento caiu de 29,40% para 28,70% no período.

Esta semana, o BACEN e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) deram autorização para que as sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários operem diretamente no ambiente de negociação das Bolsas de Valores. Antes, somente as sociedades corretoras podiam atuar operacionalmente nessa área. A medida, como justificam as entidades, está relacionada ao fato de que, com o processo de desmutualização, o acesso aos ambientes e sistemas de negociação das bolsas foi desvinculado da propriedade de títulos representativos do patrimônio ou capital da entidade, passando as sociedades distribuidoras a ter condições de exercerem as mesmas atividades das sociedades corretoras.

Observando a semana no detalhe, a volatilidade, com momentos de euforia e outros de decepção nas bolsas, fica mais clara.

Na segunda-feira, primeiro pregão de março, foi marcado por um início de mês com forte pessimismo nos mercados externos, atingindo os ativos brasileiros. A Bovespa retomou patamares não observados desde dezembro do ano passado e o dólar foi acima de R\$ 2,40, fechando em R\$ 2,44 (valorização de 3,04%). Os juros futuros fecharam sem tendência definida. As bolsas ficaram no vermelho, em todo o mundo, por causa da AIG e do HSBC e de alguns dados ruins, como os gastos do setor de construção nos Estados Unidos e o anúncio do mega investidor, Warren Buffett, que disse que a economia seguirá bastante negativa em 2009. O fundo controlado por Buffett, o Berkshire Hathaway, teve em 2008 o pior desempenho de seus 44 anos de história. Aqui no Brasil, além de todo o problema no setor bancário mundial, pesou também a queda de 9,8% no petróleo e a expectativa de redução no preço do minério, com o relatório do Citigroup que prevê preços 30% mais baratos. Com isso, as ações de Petrobras, Vale,

siderúrgicas e bancos caíram e a Bovespa fechou com queda de 5,09%, aos 36.224 pontos. O giro financeiro ficou em R\$ 3,91 bilhões. Esta foi a segunda maior queda do ano, a primeira foi no dia 12 de janeiro, com 5,24%. E para completar, não tem mais ganho na bolsa este ano: o Ibovespa encerrou 2008 aos 37.550 pontos, com perda de 3,53% em 2009, até a segunda-feira.

No ambiente internacional, as preocupações com a desaceleração econômica e a saúde financeira das principais potências mundiais continuam pesando. Assim, as principais bolsas asiáticas continuaram apresentando perdas. A bolsa do Japão chegou a cair 3,80% e a de Hong Kong (na China) desvalorizou 3,85%.

Na Europa, o movimento de queda também imperou nos negócios. Hoje, o banco britânico HSBC, o maior banco da Europa em termos de capitalização, anunciou uma queda de 70% em seu lucro líquido no ano de 2008. Além disto, a instituição anunciou o fechamento da maior parte das agências de crédito ao consumidor HFC e Beneficial nos Estados Unidos, o que representa um corte de 6.100 postos de trabalho. A bolsa de Londres fechou em forte queda de 5,21%, Paris recuou 4,47% e na Alemanha, a desvalorização alcançou 3,05%. Vale destacar que o índice FTSEurofirst 300, que reúne as principais praças da região, fechou em baixa de 5,16%, a 682 pontos, menor patamar em seis anos.

No mercado americano, o índice Dow Jones chegou a operar no patamar mais baixo, desde o ano de 1997, abaixo dos 7 mil pontos. A fuga dos investidores aos ativos de risco são reflexos das preocupações com o setor financeiro global. A seguradora americana AIG informou que no quarto trimestre de 2008 atingiu um prejuízo de US\$ 61,7 bilhões, resultado pior do que o esperado pelo mercado. Para ajudar a companhia e conforme já especulado pelos investidores, o governo dos Estados Unidos e o banco central americano irão expandir os termos do resgate da seguradora. Sendo assim, a AIG obterá até US\$ 30 bilhões do governo e também irá ter termos mais brandos sobre o financiamento já existente. Em

Wall Street, o estrago foi grande: o próprio Dow Jones diminuiu 4,24%, para 6.763 pontos, menor nível desde abril de 1997; já o S&P 500 desvalorizou 4,66%, segurando os 700 pontos, mas no menor patamar desde 1996; o Nasdaq caiu 3,99%, para 1.322 pontos.

No plano corporativo aqui no Brasil, a partir da segunda-feira, todos os usuários de telefonia fixa e móvel do país podem trocar de operadora sem mudar o número do telefone. A portabilidade numérica, já implantada em alguns municípios, irá atingir agora os seguintes DDDs: 53 (RS), 64 (GO), 66 (MT), 91 (PA) e 11 (SP). Ao todo, 193 milhões de usuários terão acesso à portabilidade.

A Embraer informou que já entrou com recurso contra a suspensão das 4,2 mil demissões anunciadas pela empresa. Na sexta-feira passada, o Tribunal Regional do Trabalho de Campinas pediu a suspensão destas dispensas até o dia 05 de março. As ações ON da Embraer operaram entre as maiores desvalorizações do Ibovespa, durante a maior parte deste pregão. Vale destacar que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que o governo vai promover discussões internas para descobrir maneiras de ampliar o uso de aviões da Embraer no Brasil.

No Ibovespa, as blue chips Vale e Petrobrás apresentavam forte queda na segunda-feira, refletindo a forte desvalorização de suas respectivas commodities no mercado internacional. As ações PNA e ON da Vale apresentaram queda de 5,89% e 5,67%, enquanto que os papéis ON e PN da Petrobrás desvalorizaram 2,02% e 5,23%, respectivamente.

Na terça-feira, os mercados brasileiros esboçaram alguma reação depois do começo de mês bastante pessimista. Conseguindo fugir da instabilidade externa, a Bovespa garantiu fechamento em alta e o dólar recuou ante o real. Por aqui, o bom desempenho das ações da Vale e das siderúrgicas seguraram o Bovespa em território positivo. Depois de oscilar entre ganhos e perdas, o Ibovespa garantiu

alta de 0,64%, aos 36.467 pontos. O giro financeiro ficou em R\$ 3,89 bilhões. Com outra dinâmica, os juros futuros acumularam prêmio de risco. Depois de apresentar um bom desempenho no período da manhã, as negociações na Bolsa de Valores de São Paulo voltaram a operar com volatilidade à tarde, ainda refletindo a instabilidade do mercado internacional em relação à crise financeira mundial, mas acabaram encerrando no campo positivo.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas fecharam em queda na terça-feira, seguindo o pessimismo da véspera. O desempenho das bolsas foi influenciado pela queda do preço do barril do petróleo, que registrou nova baixa no último pregão. Além disso, com o prejuízo de US\$ 61 bilhões apresentados pela AIG, as seguradoras japonesas também registraram perdas neste pregão. As ações em Tóquio atingiram o menor patamar dos últimos 25 anos na terça-feira e os principais índices acionários da Ásia também caíram com a volta da aversão a risco motivada por novas preocupações sobre o setor financeiro global. O indicador japonês Topix atingiu a mínima em 25 anos, enquanto o Nikkei recuou para o menor nível em quatro meses, ficando um pouco acima do menor patamar em 26 anos, atingido em outubro passado. Entretanto, houve sinais de alguns investidores caçando barganhas e reduzindo a carteira de ativos mais seguros. O índice MSCI que reúne as principais bolsas de região Ásia-Pacífico com exceção do Japão chegou a atingir a mínima em três meses, mas reverteu as perdas durante a sessão. Alguns traders em Tóquio citaram uma matéria do Wall Street Journal que afirma que o governo de Obama pode montar fundos de investimento para comprar empréstimos podres e outros ativos prejudicados pela crise, algo que pode dar algum suporte às ações asiáticas e japonesas. Masayoshi Okamoto, chefe de operações da Jujiya Securities também afirmou que investidores domésticos não mais estavam se livrando das ações com a mesma intensidade da semana passada. A bolsa de Seul ganhou 0,66%, cotada a 1.025 pontos. O indicador de Hong Kong caiu 2,3%, para 12.033 pontos, enquanto o de Taiwan

teve valorização de 0,21%. Cingapura retrocedeu 0,32% e Sydney recuou 0,95%. Xangai teve baixa de 1,05%.

Na Europa, as bolsas operaram com desvalorização. o principal índice das bolsas de valores da Europa terminou em queda na terça-feira, conduzido por ações do setor de petróleo, depois que os preços da commodity recuaram para 40 dólares o barril. O índice FTSEurofirst 300, referência das principais bolsas européias, fechou em queda de 1,86%, para 669 pontos, menor patamar desde a criação do indicador em julho de 1997.

O BG Group desabou 5,95%, com anúncio de avanço na aquisição planejada da companhia australiana Pure Energy.

Já a BP registrou queda de 4,3% após ter divulgado que reduzirá meta de crescimento de produção de petróleo e gás no curto prazo. O declínio dos preços da commodity levou a companhia a reavaliar planos de investimento.

Total, ENI, Royal Dutch Shell, e a Statoil tiveram desvalorização entre 2,3 e 4,6%.

As ações do setor bancário, o mais afetado pela brusca queda acionária que acompanhou a crise nos mercados mundiais de crédito, também recuaram. O HSBC, que retrocedeu após ter anunciado uma emissão de 12,5 bilhões de libras na segunda-feira, fechou em baixa de 1%. Lloyds, Credit Suisse e Barclays registraram queda de 4 a 6,7%.

Em Londres, o índice Financial Times fechou em baixa de 3,14%, a 3.512 pontos. Em Frankfurt, o índice DAX recuou 0,52%, para 3.690 pontos. Em Paris, o índice CAC-40 caiu 1,04%, para 2.554 pontos. Em Milão, o índice Mibtel encerrou em queda de 2,42%, a 11.530 pontos. Em Madrid, o índice Ibex-35 registrou declínio de 0,7%, para 7.219 pontos. Em Lisboa, o índice PSI20 perdeu 2,23%, a 5.743 pontos.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram entre baixas e altas, em um dia de muita

oscilação. Os índices ensaiaram recuperação, mas as vendas no final do pregão seguraram o Dow Jones em mínimas não vistas em mais de 10 anos: o índice teve queda de 0,55%, encerrando aos 6.726 pontos. O S&P500 cedeu 0,64%, para 696 pontos: desde outubro de 1996 a linha dos 700 pontos não era quebrada. O Nasdaq Composite declinou 0,14%, a 1.321 pontos.

No plano corporativo aqui no Brasil, o Grupo Pão de Açúcar apresentou lucro líquido 9,2% menor no quarto trimestre de 2008, de R\$ 102,3 milhões, perante os R\$ 112,7 milhões somados nos mesmos três meses do ano antecedente. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) correspondeu a R\$ 398,1 milhões, com elevação de 22,5%. As vendas brutas no trimestre final do calendário passado cresceram 15,3%, totalizando R\$ 5,922 bilhões, no confronto com os R\$ 5,137 bilhões dos três últimos meses de 2007. As vendas líquidas encerraram o trimestre em R\$ 5,142 bilhões, o que implica elevação de 18,8%. Em 2008 como um todo, o grupo teve lucro líquido pro-forma de R\$ 298,6 milhões, com elevação de 41,6% perante os R\$ 210,9 milhões registrados nos 12 meses antecedentes. As vendas brutas subiram 18,2%, para R\$ 20,856 bilhões, e as vendas líquidas situaram-se em R\$ 18,033 bilhões, com ampliação de 21%.

A estatal Telebrás, que recebeu um aporte de R\$ 200 milhões da União, fechou 2008 com prejuízo de R\$ 31,8 milhões, perda 31% maior que a registrada em 2007. No período, as receitas da empresa, que não tem ativos operacionais, somaram R\$ 17,2 milhões. Segundo a Telebrás, essas receitas são obtidas com aplicações financeiras e se mostram suficientes para manutenção do funcionamento da empresa. Já os gastos somaram R\$ 49 milhões. No ano, a estatal registrou despesas e encargos financeiros relativas às contingências judiciais no montante de R\$ 35,9 milhões e despesas com a provisão do Programa para Indenização por Serviços Prestados (PISP) no valor de R\$ 3,5 milhões. O aumento de capital, já aprovado pelo conselho da Telebrás e pelos

acionistas, será feito via emissão de ações ordinárias a R\$ 0,37 o que embute deságio de 10,01% sobre a média das cotações nos 20 pregões da Bovespa anteriores a 4 de fevereiro. Esse aumento de capital dá força a uma ala do governo que busca revitalizar a empresa para que essa atue no segmento de internet banda larga.

A Duratex divulgou um lucro líquido de R\$ 313,81 milhões no ano de 2008, apresentando um leve recuo de 1,58% ante o mesmo período do ano anterior, cujo montante foi de R\$ 318,87 milhões. As ações PN da empresa encerraram o dia entre as maiores perdas do Ibovespa.

A Itaúsa anunciou um lucro líquido de R\$ 2,70 bilhões no ano de 2008, apontando uma queda de 32,31% quando comparado ao montante de R\$ 3,99 bilhões registrado no ano de 2007. Os papéis PN da companhia apresentaram queda.

Já o Grupo Itautec informou um lucro líquido de R\$ 40,54 milhões no acumulado do ano de 2008, queda de 59,68% se comparado com o montante de R\$ 100,55 milhões registrado no ano de 2007.

As ações da Embraer estiveram entre as maiores altas, durante a maior parte deste pregão, impulsionadas pelo relatório do banco de investimentos UBS Pactual, que elevou a recomendação para os ADRs da companhia de "neutra" para "compra".

Depois de ver suas ações caírem 2,38% só na segunda-feira, reflexo das preocupações dos investidores após o frigorífico Independência ter paralisado os abates de bovinos e pedido recuperação judicial, a JBS S.A. divulgou um comunicado ao mercado informando que suas margens não foram afetadas neste início de ano e que pode contratar cinco mil funcionários para ampliar a produção no país. A idéia da JBS, maior companhia global de carne bovina, é reduzir a

ociosidade em suas 18 unidades espalhadas por nove Estados do país. Hoje, a média é de uma utilização de 50% da capacidade de abate no setor no Brasil. Na JBS, a utilização está acima disso, segundo a empresa. Com o aumento dos abates, a JBS também quer ampliar sua participação no mercado brasileiro de carne bovina. A concorrência é grande no mercado interno porque a demanda internacional está fraca em função da crise, levando as empresas a ofertarem mais carne bovina no mercado nacional. Outra medida anunciada pela JBS foi a redução da taxa de antecipação do pagamento para compra de bovinos, uma estratégia para atrair e acalmar pecuaristas que vêm sendo aconselhados por sindicatos rurais a vender apenas à vista por causa da crise financeira. De acordo com a JBS, o objetivo das medidas é contribuir para o escoamento da produção e a manutenção do abastecimento do mercado consumidor. Os papéis ON do frigorífico fecharam em alta de 1,11%, na terça-feira.

No final da tarde, a Vale Inco, subsidiária canadense da Vale, informou que irá demitir cerca de 900 funcionários ligados à operação global de níquel, em um movimento destinado a lidar com o fraco momento do mercado para o metal, utilizado em produtos como aço inoxidável e baterias. A Vale disse que os cortes concentram-se em áreas corporativas, de gestão e de suporte aos negócios, com eliminação de vagas em várias partes do mundo. A Vale Inco informou que os funcionários incluídos no corte estão sendo notificados. Esse foi o segundo corte de pessoal realizado pela Vale devido à crise econômica global, que reduziu a demanda por produtos como minério de ferro, níquel e cobre: em dezembro do ano passado a mineradora brasileira demitiu 1.300 pessoas em todo o mundo. A assessoria de imprensa da Vale, no Rio de Janeiro, informou na terça-feira, após a comunicação da Vale Inco, que não ocorrerão novas demissões no Brasil por enquanto.

No plano corporativo internacional, tivemos o anúncio de que o pagamento do cofundador e presidente-executivo do Blackstone Group LP, Stephen Schwarzman,

caiu 99% em 2008, ano em que a empresa privada divulgou um prejuízo de 1,33 bilhões de dólares. Schwarzman não recebeu nenhuma compensação em dinheiro em 2008 além do salário-base de 350 mil dólares. O também co-fundador da companhia, Peter Peterson, ex-secretário de comércio dos Estados Unidos que se aposentou da Blackstone no ano passado, também sofreu um corte de mais de 99% no pagamento e recebeu um salário-base de 350 mil dólares no ano, segundo um arquivo regulatório. A compensação em dinheiro do presidente e diretor de operações, Hamilton James, do vice-presidente, Tomilson Hill e do ex-diretor financeiro, Michael Puglisi, registrou baixa de 73, 67 e 76%, respectivamente. A Blackstone foi abalada pela crise financeira e pela paralisação dos mercados de crédito. Uma recuperação é vital para que a companhia consiga fazer traçar acordos de qualquer escala significativa e vender os atuais investimentos. As ações da Blackstone caíram acentuadamente em relação seu preço inicial de oferta pública em junho de 2007, de 31 de dólares, por conta da crise financeira e da redução da alavancagem. As ações fecharam cotadas a 4,77 dólares na segunda-feira no pregão de Nova York.

A China Life decidiu retirar-se do processo de ofertas pela unidade asiática da American International Group (AIG) devido a preocupações sobre a qualidade do ativo. Na sexta-feira passada expirou o prazo para envio de propostas para a American International Assurance Co Ltd (AIA), unidade de cerca de 20 bilhões de dólares da AIG em Hong Kong. Planos de vender até 49% da AIA, considerada a jóia da AIG na Ásia, foram lançados no ano passado após o governo norte-americano ter salvado a AIG da falência com um pacote de resgate que, desde então, cresceu para cerca de 180 bilhões de dólares. As expectativas de um leilão diminuíram, conforme as condições econômicas pioraram desde que a venda começou, levando vários interessados a retirar suas propostas.

A Toyota está atrás de ajuda financeira do governo japonês para sua unidade de financiamento de veículos. A empresa avisou que seu braço financeiro, a Toyota

Financial Services, está em conversações com o Banco do Japão para Cooperação Internacional (JBIC, na sigla em inglês), apoiado pelo governo. A imprensa do Japão informou que a empresa pede 200 bilhões de ienes (US\$ 2 bilhões) em empréstimo. A Toyota observou que a quantia e outros detalhes ainda não estão definidos. A montadora espera registrar seu primeiro prejuízo anual desde 1950. A Toyota pretende reduzir em 12% sua produção global de veículos no próximo ano fiscal, que começa no mês que vem. A companhia projeta a fabricação de 6,2 milhões de veículos no ano fiscal que começa em primeiro de abril ante uma estimativa de 7,08 milhões de veículos para este exercício fiscal.

A Baoshan Iron and Steel cortou os preços da maioria dos produtos de aço laminado a quente e a frio para abril em 200 iuans (29,93 dólares) por tonelada em relação aos níveis de março. A redução de preço é equivalente a 4,7% no aço laminado a frio e a 5,3% nos produtos laminados a quente, segundo cálculos da Reuters. Os preços da Baosteel são considerados como referência na China, maior país produtor e consumidor de aço do mundo, que tem vivido uma drástica redução na demanda por causa da crise financeira global. A Baosteel está liderando as negociações anuais de preços de minério de ferro na China junto às mineradoras Vale, Rio Tinto e BHP Billiton.

Na quarta-feira, bastou a notícia de que a China iria anunciar um novo plano de estímulo econômico na quinta-feira para as bolsas de todo o mundo subirem fortemente. Com fluxo comprador concentrado em Vale, Petrobras e siderúrgicas, o Ibovespa teve o segundo melhor pregão do ano, ganhando 5,31%, para 38.402 pontos. O giro financeiro foi alto, somando R\$ 4,72 bilhões. Com tal pontuação, o índice voltou a garantir valorização de 2,27% no acumulado de 2009. Isso depois de cair 5,09% na segunda-feira. Na Bovespa, as ações da Vale subiram 10%, já que a China é o principal mercado da mineradora, e ajudaram na alta de outras empresas do setor. No Dow Jones, as ações da Caterpillar, que exporta muito para a China, subiram 13%. Outro fator que impulsionou as bolsas foi a alta no

petróleo: aqui, as ações da Petrobras subiram 6%.

No mercado internacional, as bolsas de valores da Ásia encerraram em alta na quarta-feira motivadas pelas expectativas de que Pequim aumentará os esforços para fortalecer a economia chinesa, o que pode ajudar toda a região. No entanto, o dólar subiu para o maior patamar em três anos, com investidores tentando limitar riscos. As ações australianas romperam a tendência e caíram ao nível mais baixo desde agosto de 2003, depois da divulgação de que o PIB do país caiu de maneira inesperada no quarto trimestre pela primeira vez em oito anos, contribuindo com as perdas que enfraquecem as economias da região Ásia-Pacífico. A expectativa de um pacote chinês fez o índice de Xangai disparar 6,1% e ajudou a reverter as perdas iniciais em Hong Kong.

As ações da Hitachi Construction saltaram 7,35% e, junto com o resto do setor de máquinas, ergueu a bolsa de Tóquio em 0,9%. O indicador atingiu a mínima dos últimos 25 anos na terça-feira.

O índice MSCI, que reúne as principais praças da região Ásia-Pacífico exceto o Japão, até agora neste ano acumulou perdas de 16,3%.

A bolsa de Hong Kong ganhou 2,5%, sustentada pela firmeza das ações dos setores industrial, bancário e de imóveis da China.

As ações do HSBC, entretanto, permaneceram fracas, tendo chegado a registrar menor patamar desde a crise financeira asiática de 1997-1998. Os papéis encerraram em queda de 4,43%.

A bolsa de Seul subiu 3,29%. Taiwan registrou alta de 2,39%, enquanto Cingapura ganhou 1,04%. Na contramão, o índice de Sydney retrocedeu 1,64%, para 3.166 pontos.

Na Europa, depois de fortes perdas nos últimos dias, o pregão de quarta-feira foi de recuperação para as bolsas européias. Ações de empresas com atuação ou influenciadas pelo consumo chinês influenciaram positivamente os índices. Os

agentes também aproveitaram os preços de muitos papéis que tombaram desde a semana passada. O FTSE-100, de Londres, encerrou com ganho de 3,81%, aos 3.645 pontos. Em Frankfurt, o DAX verificou alta de 5,42%, para 3.890 pontos. O CAC-40, de Paris, terminou aos 2.675 pontos, em valorização de 4,74%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram em alta nesta quarta-feira. A agenda econômica do dia foi marcada pela divulgação de importantes indicadores econômicos e do Livro Bege, além da divulgação dos estoques de petróleo do país. Mas a razão principal para a inversão de rumo veio da expectativa de que a China amplie seu pacote de estímulo econômico. As ações de mineradoras, grandes exportadoras para o país asiático, se destacaram no pregão. Os papéis da Rio Tinto fecharam com alta de 14,02%, os da BHP Billiton ganharam 12,91% e os da Anglo American encerraram com aumento de 11,66%. Entre as siderúrgicas, a ArcelorMittal viu suas ações subirem 12,39%. Também se recuperaram os papéis de petroleiras como a BP, cujas ações ganharam 4,14%, a Total, com aumento de 8,91%, e a Shell que encerrou em alta de 6,27%.

No plano corporativo aqui no Brasil, os resultados referentes ao ano de 2008 continuaram atraindo os investidores. A rede de farmácias Drogasil encerrou o ano passado com lucro líquido de R\$ 51,17 milhões, o que representa um crescimento de 56,2% em relação a 2007, quando o ganho somou R\$ 32,75 milhões. O avanço das despesas em ritmo bastante inferior ao apresentado pelas receitas explica o salto nos lucros da companhia. A receita líquida da Drogasil somou R\$ 1,26 bilhão em 2008, salto de 51,27% sobre o desempenho registrado em 2007. O custo das mercadorias vendidas avançou 59,34%, para R\$ 966 milhões, enquanto que as despesas cresceram bem menos, 24,9%, para R\$ 223,53 milhões. O controle das despesas acabou beneficiando o resultado operacional da Drogasil, que avançou 30,57%, para R\$ 66,94 milhões. A margem Ebitda passou de 5,1% para 5,3%. Quanto ao resultado referente apenas ao quarto trimestre de 2008, o ganho líquido da companhia cresceu 30,8%, para R\$

14,92 milhões.

A Marcopolo divulgou um lucro líquido de R\$ 134,45 milhões no ano de 2008, apresentando um recuo de 8,24% ante o mesmo período do ano anterior, cujo montante foi de R\$ 146,53 milhões.

A Vale anunciou o início da construção de um complexo industrial na cidade de Sohar, em Omã, país da Península Arábica. A mineradora brasileira estima um investimento total de aproximadamente US\$ 1,36 bilhão nesse projeto. Além disso, a Vale embolsou R\$ 594 milhões após a aprovação da venda, proposta pela diretoria, de sua participação de 5,9% no capital da Usiminas. Cada ação ordinária, num montante de 14.869.368 papéis, foi negociada ao preço de R\$ 40. Em dia de recuperação no mercado, as ações ON e PNA da Vale dispararam 10,14% e 9,69%, respectivamente.

A Usiminas concluiu a aquisição de 100% do capital da Zamprogna por R\$ 90,7 milhões, bem abaixo do preço sugerido em 18 de dezembro de 2008, estimado em R\$ 160 milhões. Com sede no Sul do Brasil, a empresa adquirida possui linhas de produção própria nas cidades de Porto Alegre, Guarulhos e Campo Limpo Paulista, permitindo a produção, processamento e o corte de tubos, perfis e telhas de aço carbono e inox. Os papéis ON e PNA da Usiminas estiveram entre as maiores altas do Ibovespa.

A Copel informou que sua controlada UEG Araucária renovou com a Petrobrás, pelo prazo de três anos, a locação da Usina Termelétrica de Araucária. Além disso, a Copel Geração e Transmissão firmou um contrato para assegurar os serviços de operação e manutenção da usina, no mesmo período do contrato de locação.

Foi anunciada nesta quarta-feira no Diário Oficial da União, a lei 11.908/09 que autoriza a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil a criarem subsidiárias e

comprarem participações em bancos e instituições financeiras em dificuldades. As ações ON do Banco do Brasil encerraram o dia com ganhos de 4,29%.

O Departamento de Energia dos Estados Unidos divulgou que os estoques de petróleo no país caíram em 757 mil barris, para 350,6 milhões de barris na semana passada. Na Nymex, o preço do barril encerrou o dia com valorização de 8,96%, negociado a US\$ 45,38.

No plano corporativo internacional, a Holcim, um dos maiores produtores mundiais de cimento, anunciou na quarta-feira queda de 51% no lucro líquido e corte de 62% nos investimentos este ano, diante da crise econômica global. Para 2009, o grupo suíço projeta persistente declínio na demanda global por material de construção, mas acha que o mercado será mais estável na América do Sul e particularmente no Brasil. Em 2008, o lucro líquido foi cortado pela metade, ficando em US\$ 1,8 bilhão. A empresa fechou 100 locais de produção no mundo e paralisou a produção de plantas nos Estados Unidos com capacidade anual de 1,4 milhão de toneladas. Para 2009, prevê baixar os investimentos de US\$ 1 bilhão, para US\$ 340 milhões. Os projetos de expansão serão diminuídos, de US\$ 2,9 bilhões para US\$ 2,1 bilhões. No Brasil, onde é o quarto maior fabricante de cimento, Holcim já anunciou no final do ano passado o congelamento dos planos de construir uma nova fábrica e de uma nova linha de moagem em Pedro Leopoldo (MG), que juntos somavam R\$ 1,5 bilhão. A empresa avalia que em 2009 as vendas de material de construção vão continuar em queda na Europa e nos Estados Unidos, mais estáveis na América do Sul, expandindo na África e Oriente Médio. Na Ásia Pacífico, a expectativa é de que a demanda no setor de construção aumente por causa de projetos de infra-estrutura anunciados para combater a crise econômica. O grupo suíço espera resolver o problema da nacionalização de sua fábrica na Venezuela. O governo de Hugo Chávez já assumiu o controle da Holcim Venezuela sem pagar a compensação acertada de

US\$ 550 milhões.

A France Télécom apresentou queda de 35,4% no lucro líquido em 2008, para 4,07 bilhões de Euros, na comparação com os 6,3 bilhões de Euros um ano antes devido ao fato de ter depreciado o valor de ativos e pago mais impostos. O lucro em uma base comparável, que exclui itens como depreciação no valor de ativos, aumentou 13,6%, ficando em 5,2 bilhões de Euros no ano passado. A companhia de telecomunicações verificou ainda que o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) avançou para 19,4 bilhões de Euros em relação aos 19,12 bilhões no ano anterior. As receitas consolidadas cresceram 1%, somando 53,5 bilhões de Euros. O número total de clientes da France Télécom subiu 7%, para 182,3 milhões em 31 de dezembro de 2008, incluindo 121,8 milhões em usuários móveis e 12,7 milhões de clientes em banda larga.

Na quinta-feira, depois da alta de quarta-feira nos mercados, por causa da volátil euforia com a possibilidade de um novo pacote de estímulo na China, as bolsas fecharam no vermelho. Aqui, a Bovespa caiu 2,69%, aos 37.368 pontos, com giro financeiro em R\$ 3,43 bilhões. Na semana, o indicador acumulava perda de 2,13%. O que pesou de fato foi a falta do pacote chinês: o governo chinês anunciou hoje um plano de estímulo de US\$ 585 bilhões, só que o que o mercado esperava, principalmente lá fora, eram valores adicionais a este pacote. Aqui no Brasil a queda só não foi maior porque a China é importante para alguns setores e houve um pacote, além de se ter o indicativo de que a China vai desacelerar, mas menos do que o previsto no fim do ano passado.

As bolsas asiáticas fecharam sem uma tendência comum nesta quinta-feira, com os agentes voltados para notícias da China. O primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, não anunciou novo estímulo à economia e disse acreditar que a China terá um crescimento de 8% em 2009, embora espere um ano difícil. Os investidores também receberam hoje a queda na venda de veículos importados no Japão em

fevereiro frente ao mesmo período do ano anterior. O dado mostra o choque negativo de demanda que o país está sofrendo. O índice de Tóquio Nikkei 225 fechou em alta de 1,95%, aos 7.433,49 pontos, e o Shanghai Composite, de Xangai, encerrou as operações com ganho de 1,04%, aos 2.221,08 pontos. Na contramão, o Kospi, de Seul, declinou 0,10%, aos 1.058,18 pontos. Em Hong Kong, o Hang Seng recuou 0,97%, aos 12.211,24 pontos.

As bolsas européias voltaram a cair na quinta-feira, em meio a frustrações em relação ao incremento do pacote de estímulo chinês, a retração do PIB da Zona do Euro e notícias ruins nos Estados Unidos. O indicador FTSE-100, de Londres, caiu 3,18%, ficando em 3.529 pontos. Em Frankfurt, o DAX cedeu 5,02%, para 3.695 pontos. O CAC-40, de Paris, encerrou aos 2.569 pontos, em queda de 3,96%. Ações de commodities que tinham subido na quarta-feira com a expectativa do plano chinês voltaram a tombar. Foi o caso dos papéis da Total, que caíram 5,47%, e os da BHP Billiton, que fecharam em baixa de 5,55%.

No mercado americano, os índices Dow Jones e S&P500 caíram ao menor nível em 12 anos na quinta-feira, à medida que o alerta da General Motors de uma possível falência e preocupações sobre o destino do sistema bancário reforçaram a relutância de investidores em correr risco. O índice Nasdaq atingiu seu menor nível em seis anos. O índice Dow Jones, referência da bolsa de Nova York, despencou 4,09%, a 6.594 pontos. O termômetro de tecnologia Nasdaq mergulhou 4,00%, para 1.299 pontos. O índice Standard & Poor's 500 desabou 4,25%, a 682 pontos.

Com a agenda econômica interna esvaziada aqui no Brasil, as atenções dos investidores voltaram-se ao ambiente corporativo, que contou com vários resultados referentes ao ano de 2008. A AmBev, que integra a maior cervejaria do mundo, a Anheuser-Busch InBev, encerrou o quarto trimestre com uma queda de cerca de 15% no lucro líquido em relação ao mesmo período de 2007. O resultado foi afetado por novas regras contábeis. A empresa fechou os três

últimos meses de 2008 com lucro líquido de 964,5 milhões de reais ante ganho um ano antes de 1,132 bilhão de reais. O ajuste contábil envolveu reclassificação de despesa com amortização de ágio de 1,253 bilhão de reais na linha outras despesas operacionais líquidas, informou a AmBev no balanço. Sem esse ajuste, o lucro líquido do quarto trimestre teria de 1,313 bilhão de reais, 16,3% maior que o obtido entre outubro e dezembro de 2007. A companhia teve geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) de 2,92 bilhões de reais, crescimento de 3,8%. A margem caiu de 48,3% nos três últimos meses de 2007 para 44,9%. No ano, a AmBev teve lucro líquido de 3,059 bilhões de reais, expansão de 8,6% sobre 2007. As ações PN da empresa fecharam em alta de 3,14%.

A maior petroquímica da América Latina, Braskem, encerrou os últimos três meses de 2008 com um prejuízo líquido de 2,1 bilhões de reais, revertendo lucro de um ano antes. O balanço sofreu impacto financeiro negativo de 1,9 bilhão de reais produzido pela valorização do dólar contra o real nas dívidas da empresa no período. Em 2008, o resultado acabou sendo também negativo, de 2,492 bilhões de reais, ante um lucro líquido pro forma de 2007 de 642 milhões de reais. O terceiro trimestre também fechou no vermelho, com prejuízo de 849 milhões de reais. A petroquímica tem quase toda a sua receita vinculada à variação do dólar, sendo 85% de seus custos estão atrelados à moeda norte-americana e por conta disso 74% da dívida da empresa é vinculado ao dólar. O resultado também sentiu o peso da retração na demanda provocada pela crise financeira internacional. A receita líquida caiu 18% contra o terceiro trimestre e 14% sobre os últimos três meses de 2007, para 4,1 bilhões de reais. Além da redução da demanda, afetada pela desestocagem da cadeia produtiva, o resultado foi atingido por menores preços de petroquímicos básicos, principalmente eteno, propeno e BTX (benzeno, tolueno e xilenos), informou a Braskem no resultado. A companhia encerrou o período com geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) de 633 milhões de reais,

reco de 12% sobre os últimos três meses de 2007. A margem passou de 15,1 para 15,4%. A empresa disse ainda prever um investimento de 909 milhões de reais em 2009, ante 1,4 bilhão de reais em 2008. O presidente da Braskem, Bernardo Gradin, afirmou que espera assinar com a Petrobras até o fim deste mês um novo contrato de fornecimento de nafta, sua principal matéria-prima usada na produção de resinas termoplásticas. A nafta representa 80% dos custos da petroquímica. O contrato, que era previsto para ser firmado com a estatal no fim de 2008, deverá modificar a fórmula existente há quase uma década. Hoje a estatal define mensalmente os preços de venda da nafta com base na cotação ARA, dos portos europeus, região importadora de matéria-prima. A intenção é aumentar o horizonte de tempo para definição do preço da nafta, mas a empresa não deu detalhes de qual seria esse novo prazo. A Braskem foi afetada pela alta volatilidade nos preços da nafta, que chegou a ser cotada a US\$ 1.140 por tonelada em julho e, depois da crise, despencando para US\$ 240 por tonelada em dezembro. A petroquímica compra anualmente 5 milhões de toneladas da matéria-prima da Petrobras. Outras 3 milhões de toneladas adquiridas pela Braskem são importadas. A expectativa é de que o novo contrato deve ter prazo de dez anos e que este defina o nível de qualidade da nafta.

A operadora de telefonia Oi fechou 2008 com lucro líquido de R\$ 1,2 bilhão, resultado 50,2% abaixo do registrado no ano anterior. De acordo com a companhia, o reco foi causado por itens não-recorrentes que afetam a comparação. A receita bruta consolidada da companhia foi de R\$ 27,2 bilhões no ano passado, 8,1% superior à obtida em 2007. Já a receita líquida teve aumento de 6,6%, para R\$ 18,7 bilhões. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (lajida) foi de R\$ 6,068 bilhões em 2008, uma queda de 6,9% em comparação ao resultado do ano anterior. A companhia creditou a queda aos mesmos efeitos não-recorrentes que afetaram o lucro. Sem esses efeitos, o lajida teria sido de R\$ 6,451 bilhões, um aumento de 1,6% em relação a 2007. Os investimentos da companhia no ano passado atingiram R\$ 4,6 bilhões, 99,4%

acima dos R\$ 2,3 bilhões desembolsados em 2007. Do montante despendido, 43% foram destinados à telefonia fixa e 57% à telefonia móvel. A dívida líquida da companhia no fim de dezembro era de R\$ 9,8 bilhões, contra R\$ 2,7 bilhões no fim de 2007.

A Camargo Corrêa Desenv. Imobiliário informou que apresentou um resultado consolidado de R\$ 51,75 milhões no ano de 2008, revertendo o prejuízo de R\$ 21,28 milhões apurado no ano de 2007.

A Randon Implementos e Participações, que atua na fabricação de chassis e implementos rodoviários, fechou o quarto trimestre de 2008 com lucro líquido de R\$ 48,7 milhões, crescimento de 2,1% sobre o ganho registrado em igual período do ano passado. Já em todo o ano de 2008, a companhia embolsou R\$ 231 milhões, crescimento de 33,3% sobre 2007. Entre outubro e dezembro do ano passado, a receita bruta da companhia registrou elevação de 14,2%, somando R\$ 1,07 bilhão, dos quais R\$ 930 milhões proveniente do mercado interno e R\$ 148 milhões (US\$ 66,4 milhões) com vendas externas. Em todo 2008, a receita bruta subiu 26,6%, para R\$ 4,55 bilhões. Já a receita líquida aumentou 9,1% no trimestre, para R\$ 730 milhões, e apontou alta de 21% perante 2007, encerrando em R\$ 3,05 bilhões no ano passado. A geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) avançou 24% nos últimos três meses de 2008, ficando em R\$ 115 milhões, com margem de 15,8%. Já no calendário completo, o Ebitda aumentou 34%, para R\$ 520 milhões, e margem de 17%. O custo do produto vendido no trimestre atingiu 73,2% da receita líquida consolidada, ou R\$ 534,6 milhões, representando um acréscimo de 7,2% sobre o mesmo período de 2007, quando o custo respondeu por 74,6% da receita. O desempenho da empresa não foi melhor em função de um resultado financeiro negativo, de R\$ 23 milhões no trimestre e R\$ 35,4 milhões no ano. O endividamento financeiro líquido (dívida bruta menos disponibilidades) atingiu R\$ 333 milhões no encerramento de 2008, equivalente a um múltiplo de 0,64 do

Ebitda. Em igual período de 2007, este valor estava em R\$ 128,1 milhões. Segundo a companhia, este acréscimo está atrelado à variação do câmbio sobre dívidas em dólar e ajuste de contratos de derivativos.

Já fabricante de autopeças Fras-le, controlada pela Randon, teve desempenho menos brilhante. O lucro caiu 94% no quarto trimestre, de R\$ 9,4 milhões, para R\$ 600 mil. Em todo o ano, o ganho encolheu 38%, ficando em R\$ 25,5 milhões. Reflexo da crise no segundo semestre, a receita líquida diminuiu 6,4% entre outubro e dezembro, ficando em R\$ 95,7 milhões. No mercado interno, as vendas recuaram 30% somando R\$ 43 milhões, já no mercado externo, a receita cresceu 30%, somando R\$ 52 milhões. A Fras-le também registrou perdas financeiras em função de operações com dólar, mas esclareceu que não possui derivativos de câmbio ou aplicações financeiras especulativas lastreadas em risco ou alavancadas. Durante 2008, a Fras-le amortizou R\$ 130,2 milhões da dívida financeira, composta por R\$ 80,5 milhões em adiantamentos de contratos de câmbio e o restante em financiamentos.

A Usiminas decidiu nesta semana paralisar a partir do próximo dia 9, por tempo indeterminado, o alto-forno nº 1 da usina de Cubatão, na baixada santista. Com isso, a companhia passará a ter três unidades de produção paradas, das cinco que opera. Em dezembro, duas instalações da usina de Ipatinga, em Minas Gerais, foram paralisadas e entraram em processo de reforma. A Cia. Siderúrgica Nacional (CSN), outra produtora nacional de aços planos, conforme informações, também vai paralisar um alto-forno, o de nº 2, a partir do próximo dia 15 pelo período de 40 dias. A instalação responde por cerca de 40% da produção da usina de Volta Redonda (RJ), da ordem de 5,6 milhões de toneladas por ano. A Usiminas enfrenta demanda deprimida, queima de estoques em poder dos consumidores e, para complicar a situação, a concorrência de aço importado. A siderúrgica fará vendas no trimestre ao redor de 1 milhão de toneladas, metade do volume normal da empresa nos últimos anos em igual período. Em janeiro,

para um consumo aparente de 612 mil toneladas de aço plano no país, que foi 46% inferior ao do mesmo mês em 2008, as importações responderam por 150 mil toneladas. As ações ON e PNA da Usiminas fecharam com desvalorização de 6,78% e 6,17%, respectivamente.

O Tribunal Regional do Trabalho de Campinas anunciou que a liminar que suspende as demissões anunciadas pela Embraer no final de fevereiro foi mantida. Uma nova audiência irá acontecer no próximo dia 13.

No plano corporativo internacional, a Anheuser-Busch InBev, maior cervejaria do mundo, aumentou sua meta de sinergias por fusão e cortou planos de investimentos depois de divulgar resultado melhor que o esperado para o quarto trimestre. A companhia, formada pela aquisição da norte-americana Anheuser-Busch por 52 bilhões de dólares no ano passado, prevê agora que poderá obter sinergias de 2,25 bilhões de dólares, ante uma meta anterior de pelo menos 1,5 bilhão de dólares ao longo de três anos. A empresa informou que conseguiu obter 250 milhões de dólares em 2008 e que para 2009 o objetivo é de 1 bilhão de dólares, com o restante das sinergias sendo obtidas em 2010 e 2011. A cervejaria teve alta de 5,3% na geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês), para 1,72 bilhão de Euros (2,16 bilhões de dólares). O volume caiu 1,8%, apesar de subir na América do Norte e no sul da América Latina, principalmente na Argentina. A receita total cresceu 4,2%, para 5,25 bilhões de Euros, contra expectativa média de 4,95 bilhões. A AB InBev informou que espera investimento em 2009 de 1,4 bilhão de Euros, 800 milhões de Euros menos que em 2008. O vice-presidente financeiro da AB InBev, Felipe Dutra, informou que os fundamentos da companhia continuam fortes e que as margens devem crescer este ano diante de políticas de preços e volumes atualmente estáveis.

A empresa aérea British Airways anunciou na quinta-feira que deve continuar no

vermelho no ano fiscal 2010. Em nota, a companhia informou que seu pessimismo é motivado pela atual situação restritiva do mercado, pela derrocada da demanda no tráfego de alto valor agregado (primeira classe e classe executiva), além dos efeitos das variações cambiais, que limitam os ganhos da empresa. Segundo as projeções da British Airways, o resultado operacional para o próximo ano fiscal serão muito similares ao prejuízo de 150 milhões de libras (US\$ 123 milhões) esperado para o exercício fiscal corrente. A empresa aérea prevê um crescimento de 3,5% na receita deste ano fiscal, mas projeta uma retração de 5% para o próximo calendário fiscal. O decréscimo deve ser compensado parcialmente pelos esforços de eliminar 220 milhões de libras em custos que não com combustíveis neste exercício e de outros 80 milhões de libras nos próximos 12 meses.

O Conselho de Diretores da Wal-Mart Stores Inc. aprovou um aumento no dividendo anual para US\$ 1,09 por ação perante o US\$ 0,95 por papel pago durante o ano fiscal 2009. Isto implica uma elevação de 15%. Para o atual exercício fiscal, que terminará em 31 de janeiro de 2010, o dividendo anual de US\$ 1,09 por ação será pago em quatro parcelas trimestrais de US\$ 0,2725 o papel. A Wal-Mart apresentou elevação em fevereiro de 5,1% nas vendas de suas lojas abertas há pelo menos 12 meses nos Estados Unidos, impulsionada por um aumento no tráfego de clientes. O dado exclui a comercialização de combustível. Com esse produto, as vendas cresceram 4,5%. As vendas líquidas aumentaram 2,8%, para US\$ 30,018 bilhões, em relação aos US\$ 29,188 bilhões de fevereiro de 2008.

A companhia JM Family anunciou na quinta-feira que vai cortar 500 funcionários. Em nota, a empresa informou que a redução do quadro de funcionários foi causado pela recessão econômica e na prolongada queda na indústria automotiva. O corte atinge funcionários de todos os níveis de todas as subsidiárias. Entre outros negócios, a empresa possui uma série de revendedoras

de automóveis Toyota e Lexus. Além disso, ela vende seguros e autopeças, todos ligados ao setor automobilístico. Como parte da reestruturação, alguns funcionários serão realocados e salários também serão reduzidos.

A General Dynamics reduziu suas projeções para os resultados de 2009, comunicou cortes na produção e a demissão de 1.200 funcionários. A empresa do setor aeroespacial prevê agora ganhar US\$ 6 a US\$ 6,10 por ação neste ano. A projeção anterior era de lucro de US\$ 6,70 a US\$ 6,75 por papel para o período. De acordo com comunicado da companhia, a deterioração em sua carteira de ativos bem como a fraqueza da demanda são os principais problema enfrentados pela General Dynamics nos últimos meses. Espera trabalhar em 73 aeronaves neste ano, abaixo da projeção anterior, de 94 unidades. A divisão Gulfstream Aerospace também irá diminuir sua produção de aeronaves de médio porte. O grupo General Dynamics emprega mais de 92 mil pessoas em todo o mundo.

A Aviva, gigante britânica do segmento de seguros, anunciou na quinta-feira um lucro operacional de 2,297 milhões de libras (US\$ 3,25 bilhões) na base do padrão contábil IFRS (International Financial Reporting Standards), no acumulado do ano passado. Isto representa um aumento de 4% na comparação com o ano anterior. As perdas na base IFRS depois de consideradas as taxas, no entanto, acumularam 885 milhões de libras (US\$ 1,25 bilhões) no período. Segundo nota da companhia, os resultados negativos são provenientes das baixas contábeis, fruto da crise financeira global. Mesmo assim, a empresa disse que vai manter em 33 centavos de libra o nível de pagamento de dividendos aos seus acionistas referente ao exercício de 2008. A Aviva argumenta que ainda tem uma reserva de 2 bilhões de libras para conter uma insolvência. A notícia trouxe insegurança aos investidores, o que fez com que as ações da empresa recuassem de mais de 25% no pregão de quinta-feira.

Na sexta-feira, Após abrir em alta, Ibovespa inverte o sinal e encerra a semana no território negativo. A semana mais volátil dos mercados mundiais termina com

um dia típico, ou seja, volátil. Aqui, a Bovespa iniciou o dia em alta e chegou a subir mais de 2,4%, depois começou a cair e do meio da tarde em diante passou a operar negativa, fechando com queda de 0,71%, aos 37.105 pontos.

Nos Estados Unidos, o Dow Jones, que começou bem, ficou negativo na maior parte do pregão, mas encerrou o dia com leve alta, de 0,49%. O motivo para a recuperação foi a alta de 6% nas ações da GE, que subiram no fim do dia. O S&P500, que subiu 0,1%, teve comportamento parecido com o Dow Jones, e conseguiu sair do campo negativo na última meia hora. Já o Nasdaq, mesmo ensaiando recuperação, teve queda de 0,44%.

Nada de novo no mercado asiático e as bolsas fecharam a semana em queda. O índice Nikkei, da bolsa de Tóquio, caiu 3,5%, e fechou pouco acima do pior resultado dos últimos 26 anos. O índice de Xangai recuou 1,26%, Sydney caiu 1,35%, enquanto Cingapura perdeu 0,36%. Hong Kong fechou em baixa de 2,37%, e Seul registrou queda de 0,3%.

Na Europa, as principais bolsas fecharam no território negativo, alcançando o pior patamar dos últimos 12 anos. A exceção ficou com a bolsa de Londres, que apresentou leve alta de 0,02%. As bolsas européias repercutiram a divulgação dos dados sobre o mercado de trabalho americano, através do payroll. A bolsa da Alemanha caiu 0,79%, e a de Paris apresentou desvalorização de 1,37%.

No plano corporativo aqui no Brasil, as ações PNB da Aracruz e PN da Votorantim Papel e Celulose (VCP) figuraram entre as maiores quedas do Ibovespa na sexta-feira. A VCP confirmou o fechamento de um contrato para a aquisição de mais 28,03% das ações ordinárias da Aracruz, que eram pertencentes à família Safra, e desta forma passa a deter 84,09% do capital votante da empresa, o que deverá encaminhar o projeto de incorporação da Aracruz pela Votorantim.

Também entre as maiores desvalorizações do Ibovespa na sexta-feira, estiveram

as ações PN da Gerdau e da Metalúrgica Gerdau. O banco de investimentos JP Morgan reduziu a recomendação para os papéis preferenciais da Gerdau, de "overweight" (acima da média) para neutro, além de cortar o preço-alvo dos mesmos, de R\$ 26,70 para R\$ 15,00.

A Petrobras informou que a produção diária da commodity no Brasil bateu um novo recorde na última quarta-feira, atingindo 2.012.654 barris, superando em 12.420 barris a marca anterior, que foi registrada em 25 de dezembro de 2007. Entretanto, as ações ON e PN da Petrobras operaram em queda, com os investidores na expectativa da divulgação do balanço referente ao quarto trimestre de 2008, que só aconteceria após o encerramento das negociações.

Fora do índice Bovespa, destaque novamente para os papéis ON da Positivo, que dispararam 16,03%, devido à volta dos rumores de uma possível venda da companhia após a fabricante chinesa de computadores, a Lenovo, ter ratificado seu interesse em aquisições em outros continentes.

A Grendene informou que no ano de 2008 atingiu um lucro líquido de R\$ 243,16 milhões, um recuo de 8,37% se comparado ao lucro de R\$ 265,37 apresentados no ano de 2007.

No plano corporativo internacional, a Coca-Cola planeja investir US\$ 2 bilhões na China nos próximos três anos, com destino para a infra-estrutura de distribuição, vendas e pesquisa e desenvolvimento, entre outros pontos. O plano inclui o Centro de Tecnologia e Inovação, inaugurado na sexta-feira em Xangai ao custo de US\$ 90 milhões. O comunicado veio em um momento de crescentes preocupações econômicas na região, com os reguladores chineses revendo a proposta de tomada do controle pela Coca-Cola do Huiyuan Juice Group Ltd., a principal fabricante de sucos da China. A oferta da Coca-Cola gerou protestos e críticas de passar uma empresa nacional chinesa para as mãos de uma

companhia estrangeira.

O banco americano Wells Fargo irá reduzir seu dividendo trimestral em 85% em um esforço pra economizar US\$ 5 bilhões ao ano. Distribuirá aos acionistas US\$ 0,05 por ação em vez de US\$ 0,34 por papel.

As ações do Fortis subiram forte na sexta-feira em meio às conversações entre o francês BNP Paribas e o governo belga sobre os detalhes do desmembramento do grupo financeiro da Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Em outubro do ano passado, o Fortis foi separado pelos governos dos três países. O BNP Paribas fez uma oferta pelas operações belgas da instituição, mas os acionistas do Fortis rejeitaram a proposta. Segundo o jornal francês Les Echos, o BNP Paribas estaria perto de assinar um novo acordo com o governo belga que lhe daria uma participação majoritária no Fortis Bank e 25% na atividade de seguro do Fortis. O Fortis Bank, detido pelo governo belga, alertou que irá registrar um prejuízo mais acentuado do que o esperado nos três últimos meses de 2008, de 6 bilhões de Euros, ante projeção de perda de 4 bilhões de Euros a 5 bilhões de Euros.

IBOVESPA - Maiores na SEMANA

| Altas | Preço | (%) |
|-------------------------|-------|------|
| Eletropaulo PNB | 31,00 | 5,83 |
| Ultrapar PN | 57,35 | 4,97 |
| BMF Bovespa ON | 6,15 | 3,35 |
| Cyre Com-CCP ON | 6,20 | 3,16 |
| Pao de Acucar-CBD PN | 29,59 | 2,77 |
| Unibanco Unit | 12,74 | 1,17 |
| Cyrela Realt ON | 7,11 | 1,00 |
| Bradesco PN | 20,87 | 0,89 |
| Ambev PN | 96,60 | 0,74 |
| Br.Tel.Part. ON | 60,78 | 0,70 |

| Baixas | Preço | (%) |
|----------------|-------|--------|
| Aracruz PNB | 1,38 | -19,29 |
| Braskem PNA | 4,41 | -18,03 |
| Vcp PN | 9,47 | -17,65 |
| Duratex PN | 12,79 | -13,65 |
| Klabin S.A. PN | 2,68 | -12,99 |
| Gafisa ON | 8,85 | -10,69 |
| Vivo PN | 34,67 | -10,41 |
| Redecard ON | 22,50 | -10,00 |
| Gerdaupn | 11,48 | -9,02 |
| Sabesp ON | 21,90 | -8,89 |

Maiores no ANO

| Altas | Preço | (%) |
|-------------------|-------|-------|
| Telemig Part. PN | 44,69 | 33,19 |
| Vivo PN | 34,67 | 24,72 |
| Tim Part. S.A. ON | 6,05 | 23,22 |
| Eletropaulo PNB | 31,00 | 21,56 |
| Petrobras ON | 31,51 | 14,63 |
| Light S.A. ON | 24,94 | 14,08 |
| Ultrapar PN | 57,35 | 12,84 |
| NET PN | 14,95 | 12,60 |
| Petrobras PN | 25,67 | 12,40 |
| Bradespar Pn | 21,50 | 12,10 |

| Baixas | Preço | (%) |
|------------------|-------|--------|
| Vcp PN | 9,47 | -47,18 |
| Aracruz PNB | 1,38 | -44,57 |
| Embraer ON | 6,02 | -31,67 |
| Sadia S.A. PN | 2,64 | -29,60 |
| Gerdaupn Met. PN | 15,15 | -24,30 |
| Gerdaupn | 11,48 | -23,52 |
| Cyrela Realt ON | 7,11 | -22,71 |
| Tam S.A. PN | 14,80 | -22,48 |
| Braskem PNA | 4,41 | -20,54 |
| Sabesp ON | 21,90 | -19,87 |

Fatos econômicos da semana seguinte

Na semana que começa dia 09 de março, teremos muitos dados relevantes na economia doméstica, com destaque para a publicação de dados de inflação, indústria, produção agrícola, PIB, atividade, construção civil, emprego, e decisão sobre taxa de juros básica. No ambiente externo teremos muitos dados e eventos relevantes, com destaque para dados de comércio e orçamento, nos Estados Unidos; dados de inflação, indústria, e comércio, na Zona do Euro; dados de PIB e da indústria, no Japão; e dados de inflação, indústria, e comércio, na China.

No Brasil, na segunda-feira o Banco Central apresentará sua Pesquisa semanal Focus; o MDIC, a Balança comercial semanal; a FGV publicará o IPC-S da primeira quadrissemana de março, e o IGP-DI, de fevereiro; o IBGE, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, de fevereiro; a ANFAVEA, a produção da indústria automobilística, de fevereiro; e a CNI, os Indicadores Industriais, de janeiro. Na terça-feira, teremos a divulgação do IPC-Fipe, da primeira quadrissemana de março, pela FIPE; o PIB do quarto trimestre de 2008, pelo IBGE; a Pesquisa Industrial Mensal Regional, de janeiro, pelo IBGE; o índice ABCR de atividade, de fevereiro, pela ABCR; e o início da reunião do Copom, pelo BACEN. Na quarta-feira, teremos o IGP-M, primeira prévia de março, pela FGV; o IPCA, de fevereiro, pelo IBGE; a Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil, de fevereiro, pelo IBGE; os Indicadores Industriais, de janeiro, pela CNI; o Fluxo Cambial semanal, pelo BACEN; e a decisão sobre taxa de juros básica, pelo BACEN. Na quinta-feira, teremos a Pesquisa Industrial Mensal Emprego e Salário, de janeiro, pelo IBGE; o Emprego Industrial, de fevereiro, pela FIESP/CIESP. Na sexta-feira, o IBGE publicará a Pesquisa Mensal de Comércio, de janeiro.

No exterior, nos Estados Unidos, na terça-feira, teremos os Estoques no atacado, de janeiro; e o discurso de Bernanke em Washington. Na quarta-feira, teremos os dados semanais do setor hipotecário; os estoques semanais de petróleo e derivados; e o Relatório Mensal de Orçamento, de fevereiro. Na quinta-feira,

teremos os pedidos iniciais de auxílio desemprego semanais; as Vendas no Varejo, de fevereiro; e os Indicadores de Estoque de janeiro. Na sexta-feira, teremos Balança Comercial, de janeiro; o Índice de Preços de Importados, de fevereiro; e a Confiança do Consumidor da Universidade de Michigan, de março.

Na Zona do Euro, na quinta-feira, teremos a Divulgação do relatório mensal do BCE; e o Índice de preços ao produtor (PPI), de janeiro. Na sexta-feira, teremos as Vendas no varejo, de janeiro.

Considerando exclusivamente a Alemanha dentro da Zona do Euro, na terça-feira, teremos o Índice de preços ao consumidor (CPI), de fevereiro; a Balança comercial, de janeiro; e a Conta corrente, de janeiro. Na quarta-feira, teremos o Índice de preços ao produtor (PPI), de janeiro; e as Encomendas à indústria, de janeiro. Na quinta-feira, teremos a Produção industrial, de janeiro.

No Reino Unido, na terça-feira, teremos a Produção industrial, de janeiro. Na quarta-feira, teremos a Balança comercial, de janeiro.

No Japão, na terça-feira, teremos os pedidos de máquinas, de janeiro. Na quarta-feira, teremos o PIB do quarto trimestre de 2008 e o PIB anualizado do quarto trimestre de 2008. Na sexta-feira, teremos a Produção Industrial, de janeiro; a Utilização da capacidade instalada, de janeiro; a Confiança do consumidor, de fevereiro.

Finalmente, na China, na segunda-feira teremos o Índice de Preços ao Produtor (PPI), de fevereiro; e o Índice de Preços ao Consumidor (CPI), de fevereiro. Na quarta-feira, teremos a Balança comercial de fevereiro; as Vendas no varejo, de fevereiro; e a Produção industrial, de fevereiro.

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.